



Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

**Estilos educativos parentais e sua influência no
ajustamento psicológico de adolescentes em risco**

Susana Simões de Iria Santos

Orientador de Dissertação:
Professora Doutora Cristina Nunes

2018

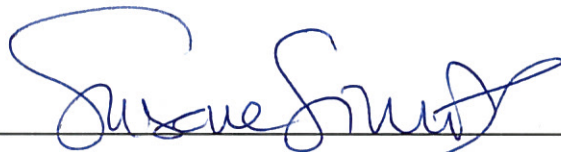
Copyright Susana Simões de Iria Santos

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respectivos.

Estilos Educativos parentais e sua influência no ajustamento psicológico de adolescentes em risco

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.



(Susana Simões de Iria Santos)

Agradecimentos

À Professora Doutora Cristina Nunes, por todo o apoio ao longo deste percurso, sem o qual esta dissertação não teria sido possível. Os meus mais sinceros agradecimentos pela imensa paciência, compreensão, sobretudo nos momentos mais difíceis, pela disponibilidade, pelo cuidado e incentivo constantes.

Ao meu marido, companheiro desenhado para mim, pelo enorme apoio e pelo orgulho que sente na minha caminhada.

*Aos melhores filhos do mundo, **Sebastião e Vicente**, por este amor imenso e incondicional, pela alegria constante, por me ensinarem a ser mãe e por me incentivarem a ser sempre melhor.*

*Um agradecimento muito especial a todos os **adolescentes** que aceitaram, simpaticamente, participar nesta investigação, bem como, aos **Presidentes de Direções, Conselhos Executivos e Professores** das respetivas escolas, pela disponibilidade e compreensão demonstradas.*

Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar de que forma o estilo educativo parental poderá influenciar o ajustamento psicológico de adolescentes em risco, avaliando algumas variáveis como comunicação entre pais e filhos, estilo de socialização parental, satisfação familiar e comportamentos psicopatológicos.

Para o efeito, foi criada uma amostra de 72 participantes, com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos, que frequentaram turmas no âmbito do Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), em seis escolas públicas do distrito de Faro.

Nesta investigação, utilizámos a Escala de Estilos de Socialização Parental na Adolescência (ESPA-29), na versão portuguesa de Nunes, Luís, Lemos & Musitu (2015), o Youth-Self Report (YSR), na versão portuguesa de Nunes & Lemos (2010) e um Questionário que visou recolher informações sociodemográficas sobre os participantes e sobre os seus pais, nomeadamente, sexo, idade, escolaridade, situação profissional, estrutura familiar e estatuto ocupacional.

Devido ao número reduzido de participantes, não foi possível encontrar correlações significativas entre o estilo educativo parental e o ajustamento psicológico dos adolescentes.

Contudo, foi analisada a relação entre as dimensões da ESPA29 e da Escala YSR e as variáveis sociodemográficas referidas, tendo sido encontradas correlações estatisticamente significativas entre a parentalidade positiva e as subescalas que a integram, revelando que maior Aceitação, maiores níveis de Diálogo e Afeto, que poderão traduzir-se em menor Displícência e Indiferença.

Da mesma forma, foram estabelecidas correlações positivas entre a parentalidade negativa (Coerção) e as subescalas que a integram, maior Coerção Verbal, Privação e Coerção Física.

Apesar de não ter sido possível aferir de que forma a parentalidade positiva/negativa afeta o ajustamento psicológico do adolescente, concluiu-se que sempre que aumenta a tendência de problemas internalizantes, a mesma tendência é verificada para os problemas externalizantes, e vice-versa.

Esta investigação permitiu-nos ainda observar que existe maior percepção de “Privação” por parte das raparigas e também pelos mais novos, sendo que, à medida que os adolescentes crescem, consideram que o nível de afeto dos pais diminui, mas a indiferença e a displicência aumentam face às situações quotidianas.

Por sua vez, a Coerção Verbal é menos percecionada por adolescentes que vivem em estrutura biparental e mais percecionada por adolescentes que vivem apenas com a mãe/pai (família monoparental), ou em família reconstruída (Pai/Mãe biológico/a e Madrasta/Padrasto) ou outro tipo de estrutura familiar, nomeadamente com avós, tios e/ou primos.

Palavras-chave: Estilo Educativo Parental, ajustamento psicológico, afeto, diálogo, indiferença, displicência, privação, coerção verbal, coerção física, problemas internalizantes, problemas externalizantes, estrutura familiar.

Abstract

The present study aims to analyze how the parental educational style can influence the psychological adjustment of adolescents at risk, evaluating some variables such as communication between parents and children, parental socialization style, family satisfaction and psychopathological behavior.

For this purpose, a study was carried out, with 72 participants, aged between 11 and 19, who attended classes under the Integrated Education and Training Program (PIEF), in six public schools in Faro's district.

In this research, we used the ESPA29 questionnaire in the Portuguese version of Nunes, Luís, Lemos & Musitu (2015), the Youth-Self Report (YSR) in the Portuguese version of Nunes & Lemos (2010) and a sociodemographic questionnaire, to collect information about the participants and their parents, namely, gender, age, schooling, professional status, family structure and occupational status.

Due to a small number of participants, it was not possible to find significant correlations between the parental educational style and the psychological adjustment of the adolescents.

However, the relationship between the dimensions of the ESPA29 and the YSR Scale and the sociodemographic variables were analyzed, and statistically significant correlations were found between positive parenting and the subscales that integrate it, revealing that greater acceptance, higher levels of Dialogue and Affection translate into lesser Displacement and Indifference.

Likewise, positive correlations were established between negative parenting (Coercion) and the subscales that comprise it, greater Verbal Coercion, Deprivation and Physical Coercion.

Although it was not possible to gauge how positive / negative parenting affects the adolescent's psychological adjustment, it was concluded that whenever the tendency of internalizing problems increases, the same tendency is verified for externalizing problems, and vice versa.

This research also allowed us to point out that the girls and the youngest have a bigger perception of "Deprivation" and, as the adolescents grow up, they consider that the level of affection of the parents decreases, but the indifference and the displeasure tend to increase in respect of everyday situations.

On the other hand, Verbal Coercion is less perceived by adolescents living in a biparental structure and more perceived by adolescents who live only with the mother/father (single-parent family), or in a reconstructed family (Biological Father/Mother and Step-Mother/Step-Father) or other type of family structure, especially with grandparents, uncles and/or cousins.

Keywords: Parental Educational Style, psychological adjustment, affection, dialogue, indifference, lack of care, deprivation, verbal coercion, physical coercion, internalizing problems, externalizing problems, family structure.

Índice

1. Introdução	2
2. Enquadramento Teórico.....	8
2.1. Estilos Educativos Parentais	8
2.2. Ajustamento Psicológico do Adolescente	10
2.3. Influência dos Estilos Educativos Parentais no ajustamento psicológico do adolescente	12
3. Método.....	24
3.1. Participantes.....	24
3.2. Procedimento.....	27
3.3. Instrumentos.....	29
3.4. Escala de Estilos de Socialização Parental na Adolescência	29
3.5. Youth-Self Report	32
4. Apresentação de resultados	34
4.1. Posicionamento da amostra nas dimensões medidas pelas Escalas ESPA 29 e YSR	34
4.2. Relação entre os estilos de socialização parental	38
4.3. Relação entre os problemas de comportamento e funcionamento adaptativo dos adolescentes.....	40
4.4. Relação entre os estilos de socialização parental e o ajustamento psicológico dos adolescentes	41
4.5. Relação entre os estilos de socialização parental e o sexo dos adolescentes	42
4.6. Relação entre o ajustamento psicológico e o sexo dos adolescentes.	44
4.7. Relação entre os estilos de socialização parental e a idade dos adolescentes	45

4.8. Relação entre o ajustamento psicológico e a idade dos adolescentes	46
4.9. Relação entre os estilos de socialização parental e a escolaridade dos pais	47
4.10. Relação entre o ajustamento psicológico dos adolescentes e a escolaridade dos pais.....	49
4.11. Relação entre os estilos de socialização parental e o estatuto ocupacional do pai.....	50
4.12. Relação entre o ajustamento psicológico dos adolescentes e o estatuto ocupacional do pai	51
4.13. Relação entre os estilos de socialização parental e o estatuto ocupacional da mãe	52
4.14. Relação entre o ajustamento psicológico dos adolescentes e o estatuto ocupacional da mãe	53
4.15. Relação entre os estilos de socialização parental e a estrutura familiar.....	54
4.16. Relação entre o ajustamento psicológico dos adolescentes e a estrutura familiar	55
5. Discussão dos resultados	56
6. Conclusões	61
7. Referências Bibliográficas	65
Anexo A - Caracterização da amostra de acordo com a idade	78
Anexo B - Carta de Consentimento Informado	79

1. Introdução

A família tem sido objeto de estudos em diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Saúde, entre outras, que nos remetem para diferentes perspectivas na sua definição.

A Organização Mundial da Saúde, em 1994, descreveu a família como “um grupo cujas relações sejam baseadas na confiança, suporte mútuo e um destino comum”.

Em pleno século XXI, a relação entre pais e filhos claramente é diferente, a consideração que se tem pela criança/adolescente na nossa sociedade mudou. Certamente, a Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990, coloca crianças/adolescentes, em relação aos direitos humanos, em igualdade de condições com os adultos.

A família é o primeiro e mais importante contexto de influência no processo de socialização, educação, aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos. Contudo, algumas famílias não promovem o bem-estar dos seus membros nem asseguram o seu desenvolvimento adequado (Macedo; Nunes; Costa; Ayala Nunes & Lemos, 2013). Os principais fatores que caracterizam os contextos familiares de risco são o baixo nível educativo dos pais, a precaridade económica e profissional, a monoparentalidade e insegurança da zona de residência (Rodrigo, Máiquez, Martín, & Byrne, 2008; Sousa, 2005). Estas famílias tendem a enfrentar e a acumular múltiplos acontecimentos de vida stressantes (López, Menéndez, Lorence, Jiménez, Hidalgo, & Sánchez, 2007; Nunes, Lemos, Costa, Nunes, & Almeida, 2011), dificultando a tarefa educativa dos pais e o exercício adequado das suas competências parentais.

A qualidade das relações familiares é uma determinante crucial da competência e confiança com que os jovens enfrentam a maior transição da infância para a idade adulta, a que chamamos de adolescência (Noller, 1995). De acordo com o mesmo autor, a qualidade das relações familiares afeta ainda o sucesso com que os jovens negociam as principais tarefas da

adolescência, a medida em que se envolvem nos comportamentos problemáticos geralmente associados a esta fase da vida e a sua capacidade de estabelecer relações significativas próximas que provavelmente durarão.

Diversos estudos sobre famílias com adolescentes mostram que tem existido uma notável mudança na relação entre pais e filhos nesta fase do ciclo de vida da família (Gecas & Seff, 1990, Jackson & Bosma, 1992, Scabini, 1995). A adolescência é considerada uma fase de transformação de laços pré-existentes e de renegociação da relação pais-filhos, caracterizada pela harmonia entre gerações, por normas e valores culturais compartilhados e pela busca de um espaço onde o “eu” tem lugar dentro da família, movendo-se gradualmente para uma maior autonomia e independência. A qualidade da relação pais-adolescentes depende da medida em que a relação pais-filhos pode ser negociada, para que os pais mostrem um crescente respeito pelas opiniões dos adolescentes e lhes permitam um maior controlo sobre as suas próprias vidas. As famílias que estabelecem uma relação próxima e afetuosa com os adolescentes, ao mesmo tempo que encorajam a autonomia e a independência, contribuem para um desenvolvimento saudável dos adolescentes que podem lidar melhor com a transição para a idade adulta.

A adolescência é um período de desenvolvimento caracterizado pelo realinhamento e redefinição de laços familiares (Hill, 1980). As relações pai-filho são subtilmente transformadas à medida que os adolescentes desenvolvem uma "autonomia responsável" das suas famílias (Steinberg, 1990). Pais que são calorosos, democráticos e exigentes, uma constelação descrita como parentalidade positiva, pode ser mais adepta de negociar com o adolescente um papel mais independente, ajudando o seu filho a tornar-se auto-suficiente, comportamental e academicamente competente e um jovem adulto mentalmente saudável (Baumrind, 1991; Maccoby & Martin, 1983; Steinberg, 1990; Steinberg et al., 1992).

O pressuposto de que as práticas educativas parentais podem exercer um impacto profundo no desenvolvimento psicossocial da criança vem sendo

formulado desde há muito por diversos autores. O interesse sistemático pelas possíveis consequências das práticas parentais sobre os descendentes tem início no século XX, sendo nítido tanto no desenvolvimento manifesto nas teorias psicanalíticas (Freud, 1972; Schaffer, 1996), quanto na ênfase colocada nos processos de aprendizagem pelas correntes comportamentalistas (Perris, 1994; Watson, 1928, 1929, 1930, Schultz & Schultz, 2000) e pela Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1986), bem como, nas múltiplas evidências, que a investigação e práticas clínicas têm permitido acumular (Canavarro, 1999; Gittleman, Klein, Smider & Essex, 1998; Hinde & Stevenson-Hinde, 1986; Perris, 1994).

Ao enfatizar as relações afetivas estabelecidas com os pais como determinantes do desenvolvimento psicossocial e psicopatológico posterior do sujeito, não se pretende a procura improfícua de uma ligação de tipo causa-efeito. Pelo contrário, torna-se necessária a adoção de uma visão dinâmica, considerando o jovem como participante ativo do seu desenvolvimento e, no sentido do conceito de determinismo recíproco formulado por Bandura (1977), salientando a influência que ela exerce sobre as atitudes e comportamentos dos progenitores. A complexidade das interações em jogo é corroborada pelos resultados de estudos que apontam para o impacto intergeracional e do meio social (Belsky & Isabella, 1988; Perris, 1994).

Ao reconhecer que o desenvolvimento psicossocial é largamente influenciado pela qualidade das relações experienciadas (Amato & Gilbreth, 1999; Amini & Cols., 1996; Chen & Kaplan, 2001; Waters & Cummings, 2000), é importante compreender como estas se formam, mantêm e modificam, conhecer as suas características e dinâmica intrínseca, entendendo que estas são indissociáveis da personalidade dos sujeitos e do contexto social em que ocorrem (Hinde & Stevenson-Hinde, 1986; Richters & Waters, 1991).

Contribuições fundamentais para este domínio foram trazidas pela Teoria do Apego, expressas sobretudo nos trabalhos de Bowlby (1969, 1973, 1980, 1985) e Ainsworth (1969, 1989).

Muitas das teorias que, historicamente, associaram relações afetivas e psicopatologia, foram elaboradas com base em premissas diferentes das atualmente defendidas. De acordo com Canavarro (1999), as primeiras abordagens concebiam separadamente a infância e a vida adulta, não tendo subjacente uma visão integradora do desenvolvimento. Nos adultos, as ligações entre relações afetivas na infância e posterior ajustamento emocional centravam-se sobre os estilos parentais, e não sublinhavam os aspetos transacionais da relação, sendo que as teses defendidas apenas contemplavam o desenvolvimento patológico.

Resultados apoiam a hipótese de que as experiências relacionais precoces, nomeadamente as ligadas com as práticas educativas dos pais, influenciam as estruturas cognitivas responsáveis pelas representações das relações afetivas em fases posteriores do ciclo de vida (Canavarro, 1999; Crook, Raskin & Elliot, 1981; Richter, Eisemann & Perris, 1994).

A conjugação de variáveis culturais, biológicas e psicossociais influencia, quer o desenvolvimento da vulnerabilidade do indivíduo para a manifestação de psicopatologia, quer a sua interação com o meio (Perris, 1994).

A interação de variáveis leva a que a vulnerabilidade individual não seja vista como um traço estático, mas concebida como condição epigénica, que envolve transações entre a pessoa e o meio ao longo de todo o ciclo de vida. Nesta perspetiva, o papel dos acontecimentos pode aumentar a vulnerabilidade de cada um, e mesmo conduzir à descompensação emocional, ou representar uma forma de proteção contra adversidades futuras (Araújo, 2003).

Da revisão da literatura acerca das relações com os pais na infância/adolescência e saúde mental (Araújo, 2001), é possível concluir que estas se encontram ligadas ao ajustamento psicológico e saúde mental dos indivíduos na idade adulta.

Os estudos sobre as famílias consideradas capazes, fortes e saudáveis produziram um conjunto de dimensões úteis quando se procuram as competências de uma família, pois demonstram o que tende a ser eficaz na vida familiar. Entre o conjunto de elementos mais comuns destacam-se: a comunicação, o encorajamento (apreciação e compromisso), a orientação religiosa, a adaptabilidade, o relacionamento social, os papéis claros e o tempo partilhado (Beavers, 1985; Epstein, Bishop, Miller & Keitner, 1993; Olson, 1990; Satir, 1967; Stinnett, 1979; Curran, 1983; Kelley, 1994; Olson, Larsen & McCubbin, 1989).

A comunicação nas famílias competentes distingue-se pela clareza, abertura e frequência (Epstein et al., 1993; Olson, 1990). O encorajamento (apoio e reconhecimento), apreciação (reforço positivo entre os membros) e compromisso (sentido de unidade e identidade) são atributos muito próximos da coesão (sentimento de proximidade e vinculação dos membros da família) (Olson, Larsen & McCubbin, 1989). A orientação religiosa, ou bem estar espiritual, focaliza o sistema de valores partilhado pelos membros (Stinnett, 1979). A adaptabilidade é a capacidade de um sistema familiar mudar a sua estrutura de poder e regras em resposta a stresse situacional (Olson, Larsen & McCubbin, 1989). O relacionamento social refere-se ao envolvimento da família com sistemas externos, sendo uma forma de garantir maior diversidade de recursos. Os papéis claros são essenciais para a adaptação à mudança, pois, com uma estrutura clara, mas flexível, os membros da família estão conscientes das responsabilidades na e para a família (Epstein et al., 1993). O tempo partilhado refere-se à quantidade e qualidade dos momentos que a família passa em conjunto e o quanto aprecia esse tempo.

Os estilos parentais podem ser definidos como um conjunto de padrões de comportamento dos pais com os filhos em diversas situações e têm importantes consequências para a relação entre os mesmos. Estes estilos, que começaram a ser estudados empiricamente desde meados do século XX, são uma determinante fundamental da comunicação e da conduta na família, influenciando a interiorização de normas, a aquisição de competências e a

adaptação social das crianças e adolescentes (García & Gracia, 2009, 2010; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Martínez & García, 2008; Musitu & García, 2005; Oliva & Parra, 2004; Steinberg, 2000).

2. Enquadramento Teórico

2.1. Estilos Educativos Parentais

Musitu e García (2001, 2004) desenvolveram um modelo relacional a partir das perceções dos adolescentes sobre o comportamento dos pais com duas grandes dimensões: aceitação/implicação e a coerção/imposição. A aceitação/implicação pressupõe que os comportamentos do filho ajustados às normas de funcionamento familiar sejam reconhecidos pelos pais com manifestações de aprovação. Nesta dimensão, são positivas as manifestações parentais de afeto e carinho em resposta aos comportamentos ajustados do filho e negativas as de indiferença.

De acordo com este modelo, as práticas parentais associadas a esta dimensão são o afeto, a indiferença, o diálogo e a displicência: o afeto refere-se ao grau em que o pai/mãe expressam carinho ao filho quando este se comporta corretamente; a indiferença refere-se ao grau em que o pai/mãe não reforçam os comportamentos corretos do filho, permanecendo inexpressivos e insensíveis; o diálogo refere-se ao grau em que o pai/mãe recorrem a uma comunicação bidirecional quando não consideram adequado o comportamento do filho e a displicência refere-se ao grau em que o pai/mãe reconhecem os comportamentos não adequados do filho, mas não estabelecem de forma consciente e deliberada o diálogo ou a comunicação com este. De salientar que esta dimensão é na realidade constituída por dois extremos inversamente relacionados de uma mesma dimensão, expressando-se numa contínua aceitação-implicação (Musitu & García, 2001, 2004, 2005).

Segundo os mesmos autores, a coerção/imposição é uma dimensão de socialização parental utilizada para suprimir os comportamentos dos filhos discrepantes com as normas familiares e consiste na privação, coerção verbal e coerção física: A privação refere-se ao grau em que os pais privam o filho de uma vivência gratificante ou lhe retiram um objeto para corrigir comportamentos inadequados. A coerção verbal refere-se ao grau em que o

pai ou mãe repreendem o filho quando este se comporta de forma incorreta. A coerção física refere-se ao grau em que os pais castigam fisicamente quando este se comporta de forma incorreta.

2.2. Ajustamento Psicológico do Adolescente

O bem estar psicológico é um dos construtos mais relevantes de investigação em saúde mental, especialmente relevante durante a adolescência, período de transição para a idade adulta, marcado por contínuas mudanças biológicas e psicológicas em que o adolescente irá formar a sua própria identidade e autonomia pessoal (Smetana, Campione-Barr e Metzger, 2006). Devido a importantes repercussões que pode ter um desenvolvimento psicológico inadequado durante este estágio evolutivo, bem como na passagem para a idade adulta, vários estudos focaram-se na análise dos fatores que estão relacionados com um ajustamento psicológico na adolescência (Inglés, Martínez-González, García-Fernández, Torregrosa e Ruiz-Esteban, 2012; Ferrándiz, Hernández, Bermejo, Ferrando e Sáinz, 2012).

Entre esses fatores, a família, entendida como o principal agente socializador por parte dos investigadores, recebeu especial atenção. Assim, as variáveis como a estrutura familiar, a coesão e a presença de conflitos em casa, tanto entre os pais, como entre pais e filhos, entre outros, têm sido amplamente estudadas em relação aos diferentes critérios de ajustamento psicológico dos filhos (Gavazzi, 2013; Povedano, Hendry, Ramos e Varela, 2011). O estudo dessas variáveis apresenta resultados na literatura consistentes, de modo que, geralmente, as variáveis que representam um bom funcionamento familiar estão positivamente relacionadas com um bom ajustamento psicológico dos filhos, sendo que as variáveis que denotam aspetos negativos no funcionamento familiar, nomeadamente, pouca coesão e conflitos entre os pais, estão mais relacionadas com um pior desenvolvimento psicológico e emocional dos filhos (Cosgaya, Nolte, Martínez-Plambiega, Sanz e Iraug, 2008; Manso, García-Baamonde, Alonso e Barona, 2011).

Com efeito, uma das principais linhas de investigação nas últimas décadas na literatura científica é o estudo das relações entre os diferentes estilos educativos dos pais no processo de socialização e de adaptação psicossocial dos filhos (Lamborn, Mounts, Steinberg, y Dornbusch, 1991; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts, y Dornbusch, 1994).

Alguns autores (Cumsille & Epstein, 1994) afirmam que a satisfação dos adolescentes no que respeita às suas famílias está associada ao seu ajustamento psicológico. A literatura mostra que a alta satisfação da família e o bom clima familiar que daí resulta podem auxiliar o adolescente nos seus processos de individualização e diferenciação. Além disso, a satisfação familiar pode ser um indicador do funcionamento familiar adequado e a insatisfação familiar, um indicador de funcionamento familiar inadequado (Scabini & Marta, 1996). A comunicação é uma variável crucial do funcionamento da família (Youniss & Sollier, 1985; Marta, 1997): idealmente deve proporcionar um ambiente onde os adolescentes possam aprender habilidades sociais apropriadas que lhes permitam lidar efetivamente com situações interpessoais e encontrar soluções construtivas para os seus problemas.

De acordo com Lorence, Hidalgo & Dekovic (2013), o risco de desajustamento psicológico está diretamente relacionado com o ambiente em que o adolescente está inserido, nomeadamente, a qualidade do estilo parental e o stress psicossocial a que está sujeito. Saliente-se que:

1. a adolescência é um período em que muitas mudanças ocorrem na vida dos jovens e das suas famílias, tornando-os mais vulneráveis a experiências psicossociais mais stressantes
2. nesta fase, os adolescentes precisam renegociar a sua posição dentro da família, o que significa, muitas vezes, um aumento de conflitos familiares
3. durante esse período, os pais tendem a mudar as suas práticas de socialização parental, motivados por novos interesses dos filhos e pelo seu próprio desenvolvimento
4. apesar da existência de outros contextos de desenvolvimento influentes, nomeadamente, com os pares, o comportamento dos pais será o que mais contribui para o ajustamento psicológico do adolescente.

2.3. Influência dos Estilos Educativos Parentais no ajustamento psicológico do adolescente

Durante as últimas décadas, vários estudos demonstraram a influência da socialização parental sobre o ajustamento psicossocial dos seus filhos (Becona et al., 2012, Fontaine et al., 1994, Gavazzi 2011, Levine & Munsch, 2010, Maccoby & Martin, 1983). Tradicionalmente, as relações entre estilos parentais e ajustamento dos adolescentes foram estudadas seguindo o modelo bidimensional de socialização parental (Maccoby & Martin 1983), no qual as dimensões de exigência e capacidade de resposta, também chamadas de aceitação/envolvimento e rigor (Lamborn et al., 1991, Steinberg et al., 1994), eram teoricamente ortogonais (Darling & Steinberg 1993, Maccoby & Martin 1983). Os estudiosos anteriores usaram outros rótulos como aceitação (Symonds 1939), garantia (Baldwin 1955), calor (Becker 1964, Sears et al., 1957) ou amor (Schaefer, 1959), que têm significados semelhantes à aceitação/envolvimento. Rótulos como dominação, hostilidade, inflexibilidade, controle ou restrição foram usados no passado com significados semelhantes ao rigor/imposição (Baldwin 1955, Becker 1964, Schaefer 1959, Sears et al 1957, Symonds 1939). Como Steinberg observou, a capacidade de resposta foi muitas vezes operacionalizada usando medidas de calor e aceitação parental, enquanto a exigência passou a ser definida com respeito à firmeza dos pais (Steinberg 2005, p.71).

Estas duas dimensões parentais fundamentais refletem dois padrões consistentes e não relacionados (isto é, ortogonais) de comportamento parental no processo de socialização (Darling & Steinberg 1993, Garcia et al., 1994). Os investigadores enfatizaram a importância de combinar as duas dimensões principais deste modelo de socialização parental para analisar acuradamente as suas relações com o ajustamento psicossocial dos adolescentes (Lamborn et al., 1991, Maccoby & Martin, 1983). Assim, a partir da confluência destas duas dimensões cardiais, foram definidos quatro estilos semânticos de parentalidade:

- **Democrático ou Autoritativo:** altos níveis de aceitação/ envolvimento e rigor/imposição. Os pais dirigem as atividades do filho de forma

racional incentivando o diálogo e a comunicação, partilham o raciocínio subjacente às normas familiares e exigem o seu cumprimento, ou seja, exercem um controlo firme do comportamento dos filhos mas têm em conta os seus interesses e direitos. Em caso de divergências dão-lhes espaço para expressarem a sua opinião e utilizam pouco a punição. O estilo autoritativo tem um impacto muito positivo no desenvolvimento psicológico das crianças, demonstrando um estado emocional estável e alegre, bons níveis de autoestima e autocontrolo (Arranz et al., 2004). Na adolescência, tendem também a demonstrar uma boa autoestima e ajustamento moral e social, bem como um melhor desempenho académico (López-Soler et al., 2009), menos conflitos com os seus pais e maior bem-estar psicológico (Arranz et al. 2004). Verifica-se ainda que revelam maior interesse pelo seu percurso académico, maior nível de satisfação, maior confiança em lidar com novas situações e um maior grau de independência. Este estilo envolve a combinação de três elementos: afeto e comunicação familiar; a promoção da autonomia pelos pais e o estabelecimento de limites; supervisão do comportamento dos seus filhos (Oliva et al., 2007). Na presença de uma grande quantidade de afeto por parte dos pais, demonstrou-se que as estratégias disciplinares dos pais foram mais eficazes, especialmente no ajustamento dos filhos (Oliva, Parra, Sánchez-Queija & López, 2007). Os pais com um estilo autoritativo transmitem carinho, prestam apoio, promovem a comunicação, estabelecem regras a nível familiar, procuram a sua realização usando o raciocínio indutivo como uma forma de disciplina, alcançando autonomia e cooperação dos seus filhos, sendo mais provável que estes sejam sociáveis (Alonso & Román, 2005, Lila & Gracia, 2005);

- **Indulgente ou Permissivo:** altos níveis de aceitação/envolvimento mas baixos níveis de imposição de rigor. Estes pais aceitam os impulsos, desejos e comportamentos dos filhos. Consultam os filhos sobre as decisões familiares e explicam-lhes o raciocínio subjacente às regras, mas não os obrigam a cumpri-las, evitando castigar e coagir.

Consideram que os filhos são capazes de regular o seu próprio comportamento;

- **Autoritário:** baixos níveis de aceitação/envolvimento, mas altos níveis de rigor/imposição. São pais muito exigentes, pouco atentos e pouco sensíveis aos interesses, desejos e opiniões dos filhos. Não os incentivam a expressar-se e a comunicação é geralmente unilateral e reprobatória. Estes pais tentam modelar e controlar o comportamento e atitudes dos filhos, valorizando principalmente a obediência e recorrendo à força e à punição quando consideram inaceitável o seu comportamento;
- **Negligente:** caracteriza-se por níveis baixos tanto de aceitação/envolvimento como de rigor/ imposição (Lamborn et al. 1991; Maccoby & Martin 1983; Steinberg et al. 1994; Steinberg 2005), na medida em que existe falta de supervisão, controlo e cuidados prestados aos filhos. Os pais negligentes geralmente permitem que os filhos cuidem de si mesmos e definam as suas próprias regras. Responsabilizam-nos pela satisfação das suas necessidades físicas e psicológicas e atribuem-lhes uma independência afetiva e material elevadas. Estes pais questionam pouco os filhos sobre as regras e decisões familiares, não as explicam, nem exigem o seu cumprimento, razão pela qual reagem com indiferença, quer os filhos se comportem de acordo com as regras, quer as transgridam.

Os adolescentes que cresceram e viveram num ambiente negligente, apresentam uma série de problemas emocionais, comportamentais e académicos. A falta de carinho, supervisão e orientação dessas crianças e adolescentes tem efeitos muito negativos sobre o seu desenvolvimento. Sentem-se inseguros, instáveis, dependem de adultos, têm dificuldades com os seus pares, baixa tolerância à frustração. São crianças e adolescentes que podem ter comportamentos criminosos ou abusivos. É um estilo caracterizado por indiferença, permissividade, passividade, irritabilidade e ambiguidade, não há regras nem carinho (Jiménez & Tallón, 2009; Arranz et al., 2004). É um estilo que usa a punição física em relação aos filhos como uma medida

disciplinar, a falta de coerência, o controlo mínimo e a implicação emocional predominam (Arranz et al., 2004). Nesta categoria de estilos, os pais têm estilos educacionais permissivos e autoritários.

Os adolescentes que vivem em casas de estilo permissivo são pouco obedientes, têm dificuldade em internalizar valores, vivem situações agressivas na família, apresentam baixa autoestima, sofrem de falta de confiança, têm baixos níveis de controlo dos seus impulsos, e podem experienciar comportamentos de risco, como o consumo de substâncias e álcool. Os pais promovem a autonomia nos seus filhos, libertam-nos do controlo, evitam o uso de restrições e punições (López, Calvo & Caro, 2008).

Relativamente aos filhos de pais com estilo educativo autoritário, recebem pouco apoio para resolver os seus problemas emocionais, apresentam níveis de autoestima e autoconfiança baixos. As estratégias educacionais reproduzíveis e menos afetivas estão relacionadas ao consumo abusivo de álcool em adolescentes (Pons & Berjano, 1997). No caso das crianças, a punição física recebida tem sido relacionada com problemas de impulsividade e agressão destes em relação aos seus pares. (Arranz et al., 2004; 1999) É um estilo que provoca um maior desajustamento pessoal e social (Linares, Pelegrina & Lendínez, 2002). Os pais valorizam a obediência como virtude, mantêm os seus filhos subordinados e restringem a sua autonomia (López, Calvo & Caro, 2008). Os adolescentes são tímidos, irritáveis, vulneráveis a tensões, manifestam tristeza, expressam pouco carinho com os seus pares, apresentam fraca internalização de valores (MacCoby & Martin, 1983).

Essas características podem levá-los a sentirem-se culpados e sofrer de níveis mais altos de depressão (Ato et al., 2007). É frequente que, quando o controlo é muito severo, esses jovens acabam por se rebelar contra os seus pais, especialmente no início da adolescência, quando geralmente buscam maior liberdade e autonomia.

Alguns autores comparam, nomeadamente, pontuações médias sobre os principais resultados de desenvolvimento de adolescentes de diferentes estilos parentais, analisando diferenças entre adolescentes em cenários como

uso de drogas, baixa autoestima, preconceitos de gênero, depressão, problemas de conduta, entre outros (García & Gracia, 2014).

No que concerne ao relacionamento entre o estilo de parentalidade e o ajustamento psicossocial dos adolescentes, os primeiros estudos realizados por Baumrind (1967, 1971) com famílias americanas de classe média mostraram claramente que o estilo paternal autoritativo estava relacionado com um melhor ajustamento psicossocial dos jovens. Na mesma linha, pesquisas realizadas em contextos anglo-saxônicos continuam a apoiar a ideia de que o estilo autoritativo é o estilo de parentalidade ideal, concluindo-se que estas crianças obtiveram melhor desempenho acadêmico, melhor competência psicológica, melhor uso de estratégias adaptativas e menos problemas comportamentais e uso de drogas, quando comparadas com outros estilos de parentalidade (Aunola et al., 2000; Bahr & Hoffmann, 2010). Em consonância com esses resultados, vários estudos concluíram que o estilo negligente estava associado a um ajustamento psicossocial mais fraco dos adolescentes (Aunola, 1997 et al., 2000 Montgomery et al., 2008). Os jovens de famílias indulgentes e autoritárias estavam numa posição intermediária, entre o melhor ajustamento de pais autoritários e o pior de famílias negligentes (Lamborn et al., 1991; Radziszewska et al., 1996).

Estes estudos concluíram que os adolescentes de famílias indulgentes tinham as mesmas ou melhores pontuações do que os adolescentes de famílias autoritativas sobre vários aspetos do ajustamento psicossocial. No Brasil, verificou-se que as famílias indulgentes obtiveram maior pontuação em medidas de autoestima (Martinez & Garcia, 2008; Martinez et al., 2007). Em Espanha, García & Gracia (2010) concluíram que adolescentes cujos pais eram indulgentes obtinham melhores resultados em diferentes indicadores de ajustamento psicológico, como estabilidade emocional e visão positiva de mundo, comparativamente aos de famílias autoritativas. Essas discrepâncias nos resultados parecem mostrar a influência da cultura na relação entre socialização parental e adaptação psicossocial na adolescência, sugerindo que a relação entre estilos parentais, adaptação e bem-estar do adolescente varia

de acordo com o contexto cultural (Chao, 1994; Achoui 2006, García & Gracia 2009, 2010, Kazemi et al., 2010).

Verifica-se que pais indulgentes comunicam bem com os seus filhos, usando o raciocínio, em vez de outras estratégias disciplinares para obter a sua conformidade e incentivam o diálogo para chegar a um acordo com eles. Nesse caso, os pais indulgentes são semelhantes aos pais autoritários. No entanto, pais indulgentes tendem a não usar coerção ou imposição quando os seus filhos têm um comportamento inadequado. Pais indulgentes também se comportam de maneira mais simétrica com os seus filhos do que os pais autoritários. Eles agem com os seus filhos como se fossem pessoas maduras capazes de regular o seu próprio comportamento e colocam-nos a ponderar sobre as consequências que têm os seus comportamentos negativos. O protótipo de pai indulgente é aquele que se comporta de forma afetuosa, aceitando os impulsos, desejos e ações dos seus filhos. Eles gostam de compartilhar a tomada de decisão em casa com os seus filhos, explicando as regras da família. Não obrigam os seus filhos a obedecer cegamente às diretrizes apenas porque os pais são as figuras de autoridade.

Os estilos de socialização parental indulgentes e autoritativos são caracterizados por altos níveis de aceitação/envolvimento. Os resultados das várias pesquisas enfatizam a importância de usar práticas como o apoio dos pais e a comunicação bidirecional (Alonso-Geta 2012, García & Gracia 2009, 2010).

Vários estudos têm demonstrado uma relação positiva entre o apoio/cuidado dos pais e o desenvolvimento do adolescente (Noller, 1995). Nas famílias em que os pais demonstram consistentemente habilidades de resolução de problemas, os adolescentes tendem a lidar muito melhor e a ter mais confiança na sua capacidade de lidar com os problemas que surgem. A comunicação subjacente entre pais e filhos é a habilidade dos pais de aceitarem gradualmente as opiniões do adolescente e o seu ponto de vista durante as discussões familiares e encorajar as suas escolhas sobre o futuro. As famílias com melhor nível de comunicação entre pais e adolescentes tendem a ser mais próximas, mais carinhosas, mais flexíveis nas suas

abordagens para resolver problemas familiares e mais satisfeitas com a sua família do que outras onde a comunicação entre pais e adolescentes é menos efetiva (Barnes & Olson, 1985).

O estilo de tomada de decisão está estreitamente relacionado com a comunicação entre pais e filhos. Alguns estudos sublinharam que a negociação e o compromisso são os processos mais importantes para a tomada de decisões e que esses dois estilos estão associados a um funcionamento adequado da família (Steinberg et al., 1991; Bosma et al., 1996). Outros estudos revelam ainda que os adolescentes cujos pais têm um estilo autoritário, devido a um sentido menos desenvolvido da sua própria identidade, provavelmente serão menos autônomos, menos confiantes na sua competência e mais suscetíveis à pressão dos pais. Adolescentes cujos pais adotam um estilo indutivo e democrático, por outro lado, são capazes de tomar as suas próprias decisões e formular planos apropriados. A evidência sugere que os pais são mais importantes do que os pares na tomada de decisões, o que tem um impacto a longo prazo, nomeadamente, nas escolhas educacionais e vocacionais (Larson & Wilson, 1998).

No seguimento do exposto, e tendo em consideração que a relevância da socialização parental durante a adolescência pode ser analisada a partir de duas dimensões parentais como: Aceitação/Implicação (responsividade, estratégias indutivas) e Coerção/Imposição, segundo Cummings et al. (2000), a natureza distinta dessas duas dimensões contribui para a compreensão da influência de práticas parentais específicas sobre o ajustamento do jovem. Considerando uma perspetiva dimensional, vários estudos mostraram que os adolescentes que percebem que os seus pais são carinhosos, atenciosos e comunicativos (Aceitação/Implicação), apresentam menos indicadores de problemas de internalização e externalização.

Vários argumentos foram dados para explicar o efeito positivo dessas práticas no ajustamento dos adolescentes, que destacam que esse padrão de comportamento dos pais cria um ambiente familiar favorável que torna os

adolescentes mais sensíveis e permeáveis à influência da família. Na ausência desse ambiente, os adolescentes são mais propensos a desconsiderar conselhos e regras estabelecidos pelos pais (Lara et al, 2012). Não há dados consistentes sobre se a Aceitação/Implicação contribui para uma maior externalização dos problemas e uma menor internalização dos mesmos.

O comportamento problemático da criança e do adolescente foi frequentemente conceptualizado como duas síndromes empiricamente derivadas: Problemas de internalização (eg. depressão, ansiedade, medo) e problemas de externalização (eg. agressão, delinquência) (Achenbach, 1991). Verifica-se que a maioria dos estudos sobre o desenvolvimento de comportamento problemático durante a adolescência, concentrou-se principalmente nos comportamentos de externalização.

Os problemas internalizantes são problemas intrapessoais (Achenbach & Edelbrock, 1984) que ocorrem frequentemente. De acordo com estudos realizados, 15% dos jovens com 16 anos experimentam uma desordem emocional (Costello, Mustillo, Erkanli, Keeler & Angold, 2003). Os problemas de internalização são conhecidos por persistir até à idade adulta (Newman et al., 1996; Pine, Cohen, Gurley, Brook & Ma, 1998).

Apesar da alta prevalência de sintomas de internalização na adolescência, os sintomas começam bem antes deste estágio (Najman et al., 2005; Luby et al., 2003; Lavigne et al., 1998) e são relativamente estáveis a partir do início da última infância (Mesman, Bongers & Koot, 2001), na adolescência (Costello et al., 2003) e idade adulta (Newman et al., 1996). A investigação tem demonstrado que os problemas de internalização são mais frequentes em jovens inseridos numa estrutura familiar monoparental (Luoma et al., 1999) e em famílias com psicopatologia parental (Downey & Coyne, 1990; Ormel et al., 2005). Os problemas internalizantes nos jovens estão associados a (Cummings, Davies & Campbell, 2000): pais com elevado nível de stresse (Mesman & Koot, 2000), baixo nível socioeconómico (Wadsworth & Achenbach, 2005) e

acontecimentos de vida stressantes (Cole, Nolen-Hoeksema, Girgus, & Paul, 2006; Nolen-Hoeksema, Girgus, & Seligman, 1992).

As investigações mostram, de forma consistente, que relações caracterizadas por insegurança, pouca proximidade emocional e estilos educativos parentais marcados por falta de apoio, interesse e carinho, se associam a perturbações psicopatológicas na idade adulta. Na sua maioria, os estudos apontam um efeito maior por parte das relações estabelecidas com a mãe, por contraste àquelas com o pai, no mesmo período de tempo. Os resultados são mais contraditórios no que concerne às práticas de superproteção e rejeição (Araújo, 2003).

Alguns estudos isolados procuraram analisar a influência de variáveis como a saúde mental dos progenitores, idade de aparecimento da perturbação e grupo socioeconómico sobre os estilos educativos parentais. Os resultados indicam que a presença de psicopatologia num ou em ambos os progenitores e um início mais precoce da sintomatologia poderá estar relacionada com estilos educativos parentais mais negativos e disfuncionais. O efeito do grupo social de pertença só se faz sentir nos estilos parentais de rejeição e superproteção, sendo mais significativo nas classes mais baixas (Arrindell & Cols, 1986; Eisemann, Perris & vonKnorring, 1984; Perris & Eisemann, 1987). Refira-se ainda que algumas investigações apresentam resultados em que diferentes estilos de relacionamento correspondem a tipos distintos de psicopatologia na idade adulta. Assim, a maior parte das investigações conclui a favor de um efeito não específico das relações afetivas estabelecidas na infância e adolescência sobre a saúde mental e psicopatologia (Perris, Arrindell & Eisemann, 1994).

Baumrind (1966) referia-se apenas às dimensões de controlo e carinho, no entanto, a promoção da autonomia foi também um dos itens que mais discriminaram os pais dos jovens mais ajustados (Lewis, 1981). Assim, alguns autores consideram que essa dimensão também é relevante para a descrição

do estilo autoritativo (Gray & Steinberg, 1999; Slicker, Picklesimer, Guzak & Fuller, 1998).

Os pais desempenham um papel fundamental na vida dos filhos quando os ajudam a resolver as exigências da adolescência e concluiu-se que fatores específicos da parentalidade como o conhecimento das atividades dos filhos, nomeadamente, onde estão, o que fazem e com quem estão, contribuem para reduzir comportamentos de internalização (Frojd et al., 2007; Hamza e Willoughby 2011; Kim & Ge 2000; Sagrestano et al. 2003; Steinberg et al. 1991).

A importância da comunicação entre pais e filhos foi estudada por Kerr & Stattin (2000), nomeadamente, a auto-divulgação que consiste na tendência dos jovens para informarem espontaneamente os seus pais sobre as suas atividades fora de casa, as suas amizades, os seus relacionamentos, ou seja, o que fazem quando os pais não estão presentes. Este estudo revelou um relacionamento positivo com o comportamento dos adolescentes e pode ser considerada uma estratégia subtil de controlo parental para evitar alguns comportamentos de risco (Crouter, Bumpus, Davis & McHale, 2005; Oliva, 2006).

Dunn (1993) referiu-se ao humor como uma dimensão que pode caracterizar as relações entre pais e filhos, uma vez que uma atitude parental descontraída, alegre e otimista pode criar um clima familiar mais favorável, tornar os esforços de socialização dos pais mais eficazes e promover o bem-estar dos adolescentes (Darling & Steinberg, 1993).

No que respeita à comparação dos estilos educativos maternos e paternos, os poucos estudos que avaliaram os estilos de pai e mãe separadamente encontraram que, embora a coincidência entre os pais seja alta, está longe de ser total, nomeadamente, Baumrind (1991) apurou que 76% dos pais coincidiram no seu estilo. Relativamente às consequências que a falta de coerência pode ter para o ajustamento dos adolescentes, Fletcher, Steinberg

& Sellers (1999) concluíram que os adolescentes que tinham apenas um pai autoritativo demonstraram maior competição do que aqueles que não possuíam nenhum, pese embora pai e mãe fossem consistentes em seus estilos. A inconsistência disciplinar tem sido considerada uma fonte de stresse para os pais, com repercussões negativas sobre os filhos, no entanto, os benefícios de ter pelo menos um dos pais com um estilo educativo autoritativo parecem superar os efeitos negativos que poderiam advir da falta de coerência entre o pai e a mãe.

Conforme referido, o estatuto socioeconómico e o tipo de estrutura familiar, também mostraram a sua influência no estilo parental, sendo que na maioria dos estudos, os estilos autoritativos são mais frequentes quando o nível socioeconómico é alto (Baer,1999; Slicker et al., 1998). Existem também evidências empíricas sobre o relacionamento entre a estrutura familiar e o estilo parental, uma vez que alguns estudos têm encontrado uma maior frequência de estilos autoritativos nas famílias tradicionais em detrimento de famílias reconstituídas (Slicker et al., 1998) ou famílias monoparentais (Baer, 1999; Pettit, Laird, Bates, Dodge & Criss, 2001).

As crianças que crescem em famílias em contexto de pobreza revelam mais comportamentos de internalização, mas principalmente de externalização, em comparação com crianças de famílias com rendimentos superiores. Esta diferença é ainda maior se o contexto em que a criança vive for de pobreza prolongada (Dearing, Taylor & McCartney, 2006). Estas crianças também obtêm resultados inferiores a nível escolar, revelando maiores dificuldades de aprendizagem (Evans, Gonnella, Marcynyszyn, Gentile, Salpekar, 2005). Constata-se, ainda, que a pobreza não afeta apenas a criança, mas sim toda a família, nomeadamente os pais e a forma como estes se relacionam com os filhos, o que pode criar um impacto negativo no desenvolvimento da criança (Yeung, Linver & Brooks-Gunn, 2002).

Face ao exposto, e apesar de a maioria dos estudos seguir o modelo proposto por Maccoby & Martin (1983) para classificar os estilos parentais, existem outras variáveis importantes que poderiam também ser alvo de análise.

3. Método

3.1. Participantes

Na presente investigação, a amostra foi constituída por 72 adolescentes (33,3% do sexo feminino e 66,7% do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos ($M=15,53$; $DP=1,41$), que frequentaram turmas no âmbito do Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), em seis escolas públicas do distrito de Faro (Anexo A).

De acordo com a Direção Geral de Educação, o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) “é uma medida socioeducativa e formativa de inclusão, de carácter temporário e excecional, a aplicar a jovens dos 15 aos 18 anos que se encontram em risco e/ou perigo de exclusão escolar e social depois de esgotadas todas as outras medidas de integração escolar. Visa favorecer o cumprimento da escolaridade obrigatória e a promoção social conferindo uma habilitação escolar do 2º e/ou 3º ciclos”.

Acresce referir, que o regulamento de constituição e funcionamento de turmas PIEF prevê que possam ser integrados na medida, jovens que não cumpram estas premissas, mas que tenham processo de promoção e proteção, processo tutelar educativo ou processo penal em curso, mediante análise casuística e autorização extraordinária da Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares.

Como se pode verificar na Tabela 1, no que concerne ao nível de escolaridade, os adolescentes que participaram neste estudo frequentam entre o 5º e o 10º anos, sendo que apenas 2,9% dos participantes nunca reprovaram; 12,9% reprovaram um ano; 32,9% reprovaram duas vezes; 27,1% reprovaram três anos; 11,4% reprovaram quatro anos; 8,6% reprovaram cinco vezes; 2,9% reprovaram seis anos e 1,4% (um elemento) reprovou sete vezes, apresentando assim, o número de reprovações, um valor médio elevado ($M=2,76$; $DP=1,42$).

A nacionalidade dos elementos da amostra é portuguesa, com apenas duas exceções, um elemento que refere ser africano e outro da Europa de Leste. Relativamente à estrutura familiar, verifica-se que 50,7% dos participantes vivem com os pais (família biparental), 20,3% vivem apenas com a mãe/pai (família monoparental), 15,9% com uma família reconstruída (Pai/Mãe biológico/a e Madrasta/Padrasto) e 13,0% com outro tipo de estrutura familiar, nomeadamente com avós, tios e/ou primos.

Tabela 1. Caracterização da amostra

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Md</i>	<i>Mín-Máx</i>
Idade	15,53	1,41	16	11-19
	n	%		
Sexo				
Feminino	24	33,3		
Masculino	48	66,7		
Escolaridade				
5º ano	18	25,0		
6º ano	15	20,8		
7º ano	11	15,3		
8º ano	9	12,5		
9º ano	17	23,6		
10º ano	2	2,8		
Estrutura familiar ^a				
Monoparental	14	20,3		
Biparental	35	50,7		
Reconstruída	11	15,9		
Outra (avós, tios, primos, etc.)	9	13,0		
Reprovações (Nº) ^b				
0	2	2,9		
1	9	12,9		
2	23	32,9		
3	19	27,1		
4	8	11,4		
5	6	8,6		
6	2	2,9		
7	1	1,4		

^a verificam-se dois valores omissos

^b verificam-se três valores omissos

Na Tabela 2, podemos verificar que o número de irmãos varia entre 0 e 9 ($M=2,85$; $DP=1,91$). A idade do pai varia entre 33 e 68 anos ($M=46,9$; $DP=7,59$) e a idade da mãe varia entre 30 e 59 anos ($M=42,8$; $DP=6,75$).

Relativamente à profissão, 86,0% dos pais têm trabalhos não qualificados e 12,3% têm trabalhos semiqualeificados, verificando-se apenas um elemento com trabalhos qualificados (1,8%). No que respeita às mães, 75,4% têm trabalhos não qualificados, 11,5% têm trabalhos semiqualeificados e 6,6% têm trabalhos qualificados, verificando-se ainda 6,6% de mães desempregadas/reformadas. Quanto ao estatuto ocupacional, 69,8% dos pais estão empregados, 27,0% estão desempregados e 3,2% são reformados, sendo que 48,5% das mães estão empregadas, 50,0% estão desempregadas e uma mãe é reformada (1,5%).

No que concerne ao nível de escolaridade, 80,3% dos pais têm o ensino básico (1.º ciclo), 9,8% concluíram a escolaridade obrigatória (9.º ano), 6,6% não têm estudos e 3,3% completaram o ensino secundário ou profissional, 69,1% das mães têm o ensino básico (1.º ciclo), 17,6% concluíram a escolaridade obrigatória (9.º ano), 7,4% não têm estudos e 5,9% completaram o ensino secundário ou profissional.

Tabela 2. Caracterização familiar

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Md</i>	<i>Mín-Máx</i>
Número de irmãos ^a	2,85	1,91	3	0-9
Idade do Pai ^b	46,9	7,59	46,5	33-68
Idade da Mãe ^c	42,8	6,75	41,0	30-59

^a sete valores omissos ^b oito valores omissos ^c um valor omissos

	<i>Pai</i>		<i>Mãe</i>	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Profissão	^d		^e	
Trabalhos Não Qualificados	49	86,0	46	75,4
Trabalhos Semiqualeificados	7	12,3	7	11,5
Trabalhos Qualificados	1	1,8	4	6,6
Desempregada/Reformada			4	6,6
Estatuto Ocupacional do Pai	^e		^f	
Empregado	44	69,8	33	48,5
Desempregado	17	27,0	34	50,0
Reformado	2	3,2	1	1,5
Habilitações Literárias	^f		^g	
Sem Estudos	4	6,6	5	7,4
Ensino Básico (1º Ciclo)	49	80,3	47	69,1
Escolaridade Obrigatória (9º Ano)	6	9,8	12	17,6
Ensino Secundário (12º Ano) ou Ensino Profissional	2	3,3	4	5,9

^d 15 valores omissos ^e nove valores omissos ^{f,g} 11 valores omissos ^{h,i} quatro valores omissos

3.2. Procedimento

Para aplicar os questionários, foram solicitadas as devidas autorizações da Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC) e dos Conselhos Executivos das escolas.

Tendo em consideração que a maior parte dos inquiridos são menores de idade, foram respeitados os procedimentos deontológicos relativamente à recolha de dados para investigação, pelo que a amostra foi recolhida com o consentimento informado dos participantes e dos encarregados de educação. Na carta de consentimento informado foram descritos os objetivos do estudo, bem como a garantia de anonimato e confidencialidade dos resultados obtidos (Anexo B).

Os questionários foram aplicados individualmente, na sala de aula, em contexto escolar. O tempo médio de aplicação dos questionários foi de 45 minutos aproximadamente. A investigadora esteve sempre presente para qualquer esclarecimento que eventualmente surgisse no preenchimento dos questionários.

Os dados recolhidos foram analisados estatisticamente através do programa SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*, versão 24) e do Excel, tendo sido utilizadas medidas descritivas, de associação e contrastes de médias (ANOVA), nomeadamente mediante a aplicação do coeficiente de correlação de Pearson.

A análise de associação, através do coeficiente de Pearson é explicada por Maroco (2011, p. 22-26). Quando as variáveis cuja relação se pretende estudar são variáveis quantitativas, como as resultantes da construção de escalas, podem ser analisadas utilizando o coeficiente de correlação de Pearson R, que é uma medida da associação linear entre variáveis quantitativas e varia entre -1 e 1. Acresce referir que, quanto mais próximo estiver dos valores extremos, tanto maior é a associação entre as variáveis.

Os testes estatísticos servem para averiguar se as diferenças observadas na amostra são estatisticamente significantes, ou seja, se as conclusões da amostra se podem inferir para a população. O valor de 5% é um valor de referência utilizado nas Ciências Sociais para testar hipóteses, significa que estabelecemos a inferência com uma probabilidade de erro inferior a 5%.

Foi realizada a análise do pressuposto da normalidade, com o teste de Kolmogorov-Smirnov, tendo-se verificado este pressuposto para as dimensões das escalas em estudo, pelo que podem aplicar-se os testes paramétricos. Como se verifica o pressuposto da normalidade, utiliza-se o teste paramétrico t de Student, como explicado por Maroco (2011, p. 199-204), para analisar uma variável quantitativa nas duas classes de uma variável dicotómica, por forma a verificar a significância das diferenças entre as médias observadas.

Quando o valor de prova do teste t é inferior a 5%, tal significa que existem diferenças significativas entre os dois grupos, caso contrário, não se verificam diferenças significativas.

3.3. Instrumentos

Na recolha de dados foram utilizadas duas escalas:

- Escala de Estilos de Socialização Parental na Adolescência (ESPA-29), na versão portuguesa de Nunes, Luís, Lemos & Musitu (2015)
- Youth-Self Report (YSR), na versão portuguesa de Nunes & Lemos (2010).

Esta investigação incluiu ainda um Questionário que visou recolher informações sociodemográficas sobre os participantes e sobre os seus pais, nomeadamente, sexo, idade, escolaridade, situação profissional, estrutura familiar e estatuto ocupacional.

3.4. Escala de Estilos de Socialização Parental na Adolescência

A Escala de Estilos de Socialização Parental na Adolescência (ESPA 29), desenvolvida por Musitu e García (2004), permite avaliar os estilos de socialização parental através da perceção do adolescente, em 29 situações significativas do quotidiano familiar, 13 das quais representam comportamentos de obediência às normas familiares (eg.: “se respeito e cumpro os horários estabelecidos na minha casa...”), sendo que as restantes 16 referem-se a situações de incumprimento das mesmas (eg.: “se estrago ou parto alguma coisa da minha casa...”).

Especificamente, esta escala oferece informação sobre as duas dimensões clássicas que compõem os estilos educativos: Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição, que incluem as suas subescalas.

No que respeita à dimensão de Aceitação/Implicação, são avaliados:

- **Afeto** - “Mostra-me carinho”: Felicitam-no, devolvem um reforço positivo, dizem que estão orgulhosos do que fez/conseguiu, existem gestos carinhosos, como beijos, abraços e outras demonstrações de carinho.
- **Indiferença** - “Mostra-se indiferente”: Não reforçam positivamente o que o adolescente faz bem.

- **Diálogo** - “Fala comigo”: Quando o comportamento do adolescente não é adequado, fazem-no pensar sobre o ocorrido e encaminham-no a não repetir esse comportamento.
- **Displicência** - “Não liga”: São permissivos em situações que sabem ser inadequadas.

Relativamente à dimensão Coerção/Imposição, são avaliadas:

- **Coerção verbal** - “Discute comigo”: Repreendem por situações que não se encontram em conformidade com as regras familiares.
- **Coerção Física** - “Bate-me”: Batem por situações que não se encontram em conformidade com as regras familiares.
- **Privação** - “Proíbe-me de...” - Retiram algo que normalmente é concedido, como sair com os amigos, mesada, televisão ou obrigarem a ficar restringido apenas ao seu quarto.

Nas situações positivas são analisados o grau de afeto e de indiferença, da dimensão de Aceitação/Implicação. Nas situações negativas são analisados o diálogo e a displicência, da dimensão Aceitação/Implicação e a coerção verbal, a coerção física e a privação, da dimensão Coerção/Imposição.

Para estimar a frequência percebida de cada comportamento parental os participantes avaliaram 106 possibilidades de resposta dos pais, numa escala de 4 pontos (1 = nunca, 2 = algumas vezes, 3 = muitas vezes e 4 = sempre).

Por sua vez, para obter as pontuações diretas de cada subescala calcula-se a média das respostas dadas pelos participantes aos itens que integram cada uma delas. As dimensões Aceitação e Coerção são depois calculadas a partir dos valores das subescalas de acordo com as expressões:

- $\text{Aceitação/Implicação} = (10 + \text{PD1} + \text{PD2} - \text{PD3} - \text{P4}) / 4$
- $\text{Coerção/Imposição} = (\text{PD5} + \text{PD6} + \text{PD7}) / 3$

A escala de Estilos de Socialização Parental permite obter uma média global das dimensões de Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição.

A partir das pontuações nas duas dimensões caracteriza-se o estilo de socialização de cada progenitor como autoritativo, indulgente, autoritário ou negligente.

No presente estudo analisam-se as dimensões de Aceitação/Implicação e Coerção/ Imposição, e também as subescalas que as integram.

Por forma a estudar as qualidades psicométricas da escala nesta amostra, procede-se à análise de consistência interna da mesma, que permite estudar as propriedades de escalas de medida a partir das questões que as integram, de acordo com Anastasis (1990) e DeVellis (1991). O Alfa de Cronbach é o modelo mais utilizado nas ciências sociais para verificação de consistência interna e validade de escalas, medindo a forma como um conjunto de variáveis representam uma determinada dimensão (Hill & Hill, 2002).

Um valor do coeficiente de consistência interna medido pelo Alfa de Cronbach superior a 0,80 é considerado adequado, sendo um valor entre 0,70 e 0,80 considerado aceitável, de acordo com Muñiz (2003), Muñiz *et al.* (2005) e Nunnaly (1978).

Tabela 3. Consistência interna das Dimensões e Subescalas da ESPA 29

Dimensões e Subescalas	Alfa de Cronbach	N de Itens
Aceitação	0,935	48
Coerção *	0,930	58
1. Diálogo	0,918	16
2. Afeto	0,871	13
3. Displícência	0,879	16
4. Indiferença	0,851	13
5. Coerção Física	0,895	16
6. Privação	0,906	16
7. Coerção Verbal	0,903	16

* a escala dos itens das subescalas “3. Displícência” e “4. Indiferença” foi recodificada de forma inversa para este cálculo, pois estas subescalas são integradas na dimensão com sinal negativo

O valor do Alfa de Cronbach é superior ao valor de 0,80 para ambas as dimensões e para todas as subescalas, pelo que podemos considerar que os dados medem de forma unidimensional cada uma das dimensões e as

subescalas, sendo a escala adequada para medir os construtos em estudo nesta amostra.

3.5. Youth-Self Report

O Youth-Self Report, originalmente desenvolvido por Achenbach (1991), é um inventário de autopreenchimento que tem como objetivo descrever e avaliar problemas de comportamento e o funcionamento adaptativo de crianças e adolescentes, com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos, tal como são percecionados pelos mesmos.

Este instrumento de autoavaliação para adolescentes é composto por duas partes distintas: a escala de competências que avalia a frequência de participação e sucesso em várias atividades e contextos sociais (nomeadamente, escola, atividades desportivas, associações); e a escala de problemas de comportamento que se agrupa em dois níveis:

- Síndromes Centrais ou de Primeira Ordem;
- Síndromes de Segunda Ordem.

O primeiro congrega-se em 8 fatores: Ansiedade/Depressão; Isolamento Social; Queixas somáticas; Comportamento Agressivo; Comportamento Delinquente; Problemas de Atenção; Problemas de Pensamento; e, por último, Problemas Sociais.

O segundo nível (112 itens) corresponde a uma estrutura hierarquicamente superior, na qual se distinguem um padrão geral de comportamentos desejáveis (9 itens) e dois padrões gerais de carácter psicopatológico (103 itens):

- Síndrome de Internalização ou Internalizante;
- Síndrome de Externalização ou Externalizante.

Nesta investigação será apenas estudada a dimensão dos problemas de internalização, de externalização e de conduta totais.

Todos os itens estão formulados na primeira pessoa do presente do indicativo, onde os jovens se autoavaliam sobre a veracidade de cada afirmação (0 = “não é verdade”, 1 = “um pouco verdade” ou 2 = “completamente verdade”), relativamente aos últimos seis meses, conforme exemplo infra:

1. Comporto-me como se tivesse menos idade do que a que tenho atualmente.	0	1	2
---	---	---	---

Tabela 4. Consistência interna das Dimensões da YSR

Dimensões	Alfa de Cronbach	N de Itens
Problemas de internalização	0,843	22
Problemas de externalização	0,722	17
Problemas de conduta totais	0,926	103

O valor do Alfa de Cronbach é superior ao valor de 0,80 para as dimensões “Problemas de internalização” e “Problemas de conduta totais”, pelo que podemos considerar a escala adequada para medir os construtos em estudo nesta amostra. No que respeita à dimensão “Problemas de externalização”, o valor do Alfa de Cronbach é superior ao valor de 0,70 considerando-se a escala aceitável para medir este construto nesta amostra, na medida em que os dados medem de forma unidimensional cada uma das dimensões.

4. Apresentação de resultados

4.1. Posicionamento da amostra nas dimensões medidas pelas Escalas ESPA 29 e YSR

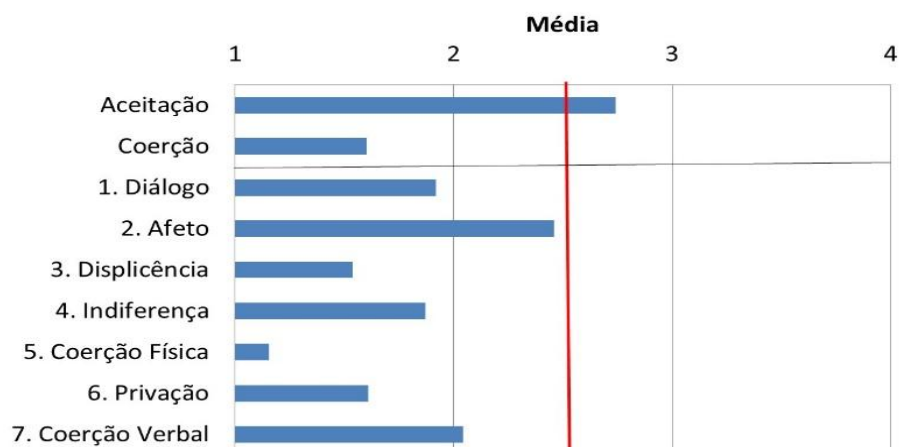
Em primeiro lugar é apresentada a análise estatística descritiva das dimensões das escalas em estudo, com o objetivo de descrever o posicionamento da amostra no que respeita aos construtos abordados nesta investigação.

A análise das dimensões e das subescalas da ESPA 29 é apresentada na Tabela 5 e no Gráfico 1. É importante salientar que o ponto intermédio da escala de medida (de 1 a 4) é igual a 2,5, assinalado com uma linha vertical no Gráfico 1, o que significa que a dimensão “Aceitação” apresenta um valor médio ($M=2,74$) superior ao ponto intermédio da escala, pelo que podemos concluir que se verifica com alguma relevância, em média, esta dimensão; já a dimensão “Coerção” apresenta um valor médio ($M=1,60$) bastante inferior ao ponto intermédio da escala, pelo que podemos concluir que não se verifica com valor relevante, em média, esta dimensão. No que concerne às subescalas, podemos concluir que se verifica mais o Afeto ($M=2,46$), seguido de Coerção Verbal ($M=2,04$), depois do Diálogo ($M=1,92$) e da Indiferença ($M=1,87$), seguidos da Privação ($M=1,61$) e da Displícência ($M=1,54$), sendo que a Coerção Física ($M=1,16$) praticamente não se verifica, salientando-se que todas as subescalas apresentam valor médio inferior ao ponto intermédio da escala.

Tabela 5. Estatísticas para as dimensões e subescalas da ESPA 29 (N=72)

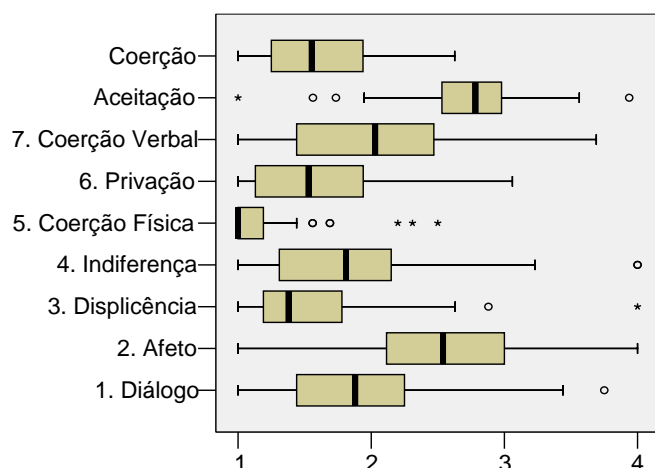
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Md</i>	<i>Mín-Máx</i>
Aceitação	2,74	0,47	2,78	1,00-3,94
Coerção	1,60	0,40	1,55	1,00-2,63
1. Diálogo	1,92	0,66	1,88	1,00-3,75
2. Afeto	2,46	0,69	2,54	1,00-4,00
3. Displícência	1,54	0,53	1,38	1,00-4,00
4. Indiferença	1,87	0,67	1,81	1,00-4,00
5. Coerção Física	1,16	0,30	1,00	1,00-2,50
6. Privação	1,61	0,55	1,53	1,00-3,06
7. Coerção Verbal	2,04	0,65	2,03	1,00-3,69

Gráfico 1. Médias das dimensões e subescalas da ESPA 29



No gráfico 2 apresenta-se ainda a distribuição de valores verificada para as dimensões e subescalas da ESPA 29, verificando-se que mais de 75% dos valores da dimensão “Aceitação” são superiores ao ponto intermédio da escala (o valor do 1.º quartil é superior a 2,5) e que a quase totalidade dos valores da dimensão “Coerção” são inferiores ao ponto intermédio da escala (o valor do 3.º quartil é inferior a 2). Relativamente às subescalas, com exceção da subescala “Afeto” apresentam uma maioria ou grande maioria (sempre mais de 75%) dos valores inferiores ao ponto intermédio da escala. Observam-se ainda os *outliers* que se verificam para a dimensão aceitação e para a maioria das subescalas, que são valores limites (superiores ou inferiores), os quais apresentam desvios elevados relativamente aos restantes valores observados.

Gráfico 2. Diagrama para as dimensões e subescalas da ESPA 29



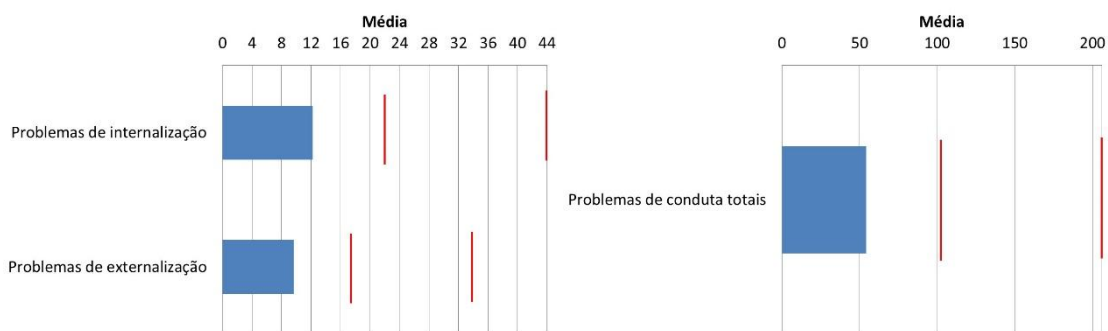
A análise das dimensões da Escala YSR é apresentada na Tabela 6 e no Gráfico 3. A dimensão “Problemas de internalização” tem 22 itens e, desta forma, varia entre um mínimo possível de 0 e um máximo possível de 44, sendo o seu ponto intermédio o valor de 22. A dimensão “Problemas de externalização” tem 17 itens e varia entre um mínimo possível de 0 e um máximo possível de 34, sendo o seu ponto intermédio o valor de 17. A dimensão “Problemas de conduta totais” tem 103 itens e varia entre um mínimo possível de 0 e um máximo possível de 206, sendo o seu ponto intermédio o valor de 103. Os valores máximos e intermédios estão assinalados com linhas verticais no Gráfico 3.

Com efeito, as dimensões “Problemas de internalização” ($M=12,25$), “Problemas de externalização” ($M=9,63$) e “Problemas de conduta totais” ($M=54,21$) apresentam valores médios claramente inferiores aos pontos intermédios de cada escala de medida.

Tabela 6. Estatísticas para as dimensões da Escala YSR (N=72)

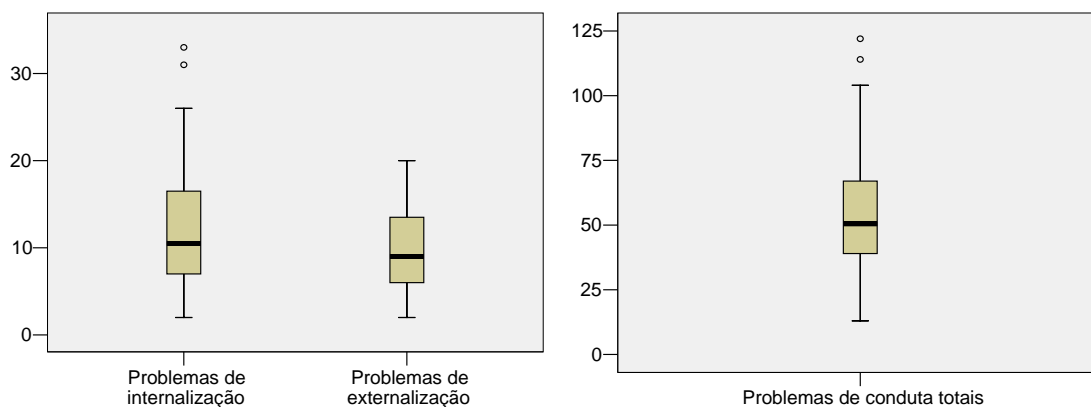
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Md</i>	<i>Mín-Máx</i>
Problemas de internalização	12,25	6,79	10,50	2-33
Problemas de externalização	9,63	4,51	9,00	2-20
Problemas de conduta totais	54,21	22,18	50,50	13-122

Gráfico 3. Médias das dimensões da Escala YSR



No gráfico 4 apresenta-se ainda a distribuição de valores verificada para as dimensões da Escala YSR, revelando que a quase totalidade dos valores para as três dimensões em estudo são inferiores ao ponto intermédio de cada escala de medida (o valor máximo de cada dimensão ultrapassa ligeiramente esse valor intermédio). Observam-se novamente *outliers*, que ocorrem para as dimensões “Problemas de internalização” e “Problemas de conduta totais”.

Gráfico 4. Diagramas para as dimensões e subescalas da Escala YSR



4.2. Relação entre os estilos de socialização parental

De acordo com os resultados obtidos na Tabela 7, verificam-se correlações estatisticamente significativas ($p < 0,001$) entre a dimensão “Aceitação” e as subescalas que a integram, que é positiva para as subescalas Diálogo e Afeto e negativa para as subescalas Displícência e Indiferença.

Tabela 7. Correlação de Pearson: Relação entre as dimensões e subescalas da ESPA 29

Escala ESPA 29	Aceit	Coer	1	2	3	4	5	6	7
Aceitação	1								
Coerção	,185	1							
1. Diálogo	,653***	,145	1						
2. Afeto	,846***	,220	,484***	1					
3. Displícência	-,610***	-,373**	-,131	-,318**	1				
4. Indiferença	-,789***	,152	-,230	-,601***	,450***	1			
5. Coerção Física	-,043	,592***	-,117	,030	-,142	,150	1		
6. Privação	,310***	,816***	,330**	,333**	-,264*	,017	,270*	1	
7. Coerção Verbal	,101	,888***	,044	,112	-,401***	,198	,407***	,540***	1

*** $p < 0,001$ ** $p < 0,01$ * $p < 0,05$

A dimensão “Coerção” e as subescalas que a integram Coerção Física, Privação e Coerção Verbal, apresentam igualmente correlações estatisticamente significativas, neste caso, todas positivas. Tal decorre do facto de as dimensões serem construídas a partir das subescalas, pelo que se esperaria este elevado nível de correlação.

As restantes correlações significativas acabam por ser as que se podem considerar relevantes, uma vez que resultam de variáveis independentes entre si, na forma como foram construídas.

As correlações positivas significam que quem apresenta valores mais elevados numa dimensão ou subescala, apresenta também valores superiores na dimensão ou subescala com ela relacionada de forma significativa e vice-versa.

As correlações negativas existentes significam que quem apresenta valores mais elevados numa dimensão ou subescala, apresenta valores mais reduzidos na dimensão ou subescala com ela relacionada de forma significativa e vice-versa.

Saliente-se que todas as subescalas da dimensão “Coerção” apresentam relação positiva estatisticamente significativa entre si, mas não ocorrem relações significativas entre todas as subescalas da dimensão “Aceitação”.

4.3. Relação entre os problemas de comportamento e funcionamento adaptativo dos adolescentes

De acordo com a Tabela 8, podemos verificar que existem correlações positivas e estatisticamente significativas entre:

- a dimensão “Problemas de conduta totais” e a dimensão “Problemas de internalização” ($r=0,852$, $p<0,001$)
- a dimensão “Problemas de conduta totais” e a dimensão “Problemas de externalização” ($r=0,741$, $p<0,001$)
- a dimensão “Problemas de internalização” e a dimensão “Problemas de externalização” ($r=0,455$, $p<0,001$).

Tabela 8. Correlação de Pearson: Relação entre as dimensões da Escala YSR

Escala YSR	Problemas de internalização	Problemas de externalização	Problemas de conduta totais
Problemas de internalização	1		
Problemas de externalização	,455***	1	
Problemas de conduta totais	,852***	,741***	1

*** $p<0,001$ ** $p<0,01$ * $p<0,05$

Todas as correlações positivas significam que quem apresenta valores mais elevados numa dimensão, apresenta também valores superiores na dimensão com ela relacionada e vice-versa.

4.4. Relação entre os estilos de socialização parental e o ajustamento psicológico dos adolescentes

Não se verifica nenhuma correlação estatisticamente significativa ($p > 0,05$) entre as dimensões e subescalas da ESPA 29 e as dimensões da Escala YSR, sendo os coeficientes de correlação sempre inferiores a 0,30 para todas as relações estudadas, o que significa também que apresentam correlações negligenciáveis (Tabela 9). Com efeito, podemos concluir que não existe relação entre os estilos de socialização parental (na perspetiva dos filhos), medidos pelas dimensões e subescalas da Escala ESPA 29 e as síndromes de 2ª ordem, medidos pelas dimensões da Escala YSR.

Tabela 9. Correlação de Pearson: Relação entre a ESPA 29 e a Escala YSR

Escala ESPA 29	Escala YSR		
	Problemas de internalização	Problemas de externalização	Problemas de conduta totais
Aceitação	0,172	0,160	0,088
Coerção	0,132	0,128	0,200
1. Diálogo	0,173	0,071	0,043
2. Afeto	0,178	0,148	0,081
3. Displícência	-0,053	-0,064	-0,093
4. Indiferença	-0,085	-0,172	-0,045
5. Coerção Física	0,104	0,189	0,151
6. Privação	0,096	0,101	0,115
7. Coerção Verbal	0,115	0,065	0,203

Em função dos resultados que se podem inferir a partir desta amostra, não existe nenhuma relação significativa entre os estilos de socialização parental e os problemas de comportamento e funcionamento adaptativo dos adolescentes.

4.5. Relação entre os estilos de socialização parental e o sexo dos adolescentes

Na Tabela 10 e no Gráfico 5 apresenta-se o estudo da relação entre as dimensões e subescalas da ESPA 29 com o sexo.

O valor médio da subescala Privação é superior para o sexo feminino ($M=1,84$) e inferior para o sexo masculino ($M=1,50$), sendo as diferenças estatisticamente significativas ($t_{70}=2,559$, $p=0,013$).

Na amostra, apesar de não terem sido obtidos resultados estatisticamente significativos, é possível verificar que:

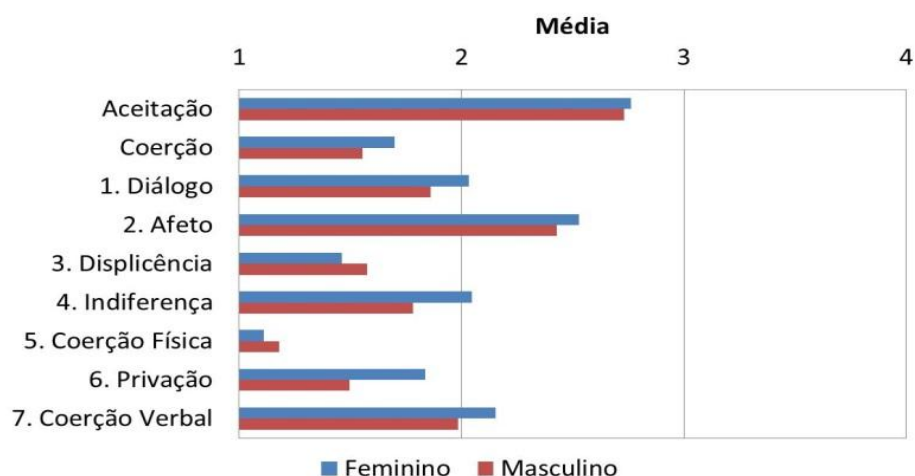
- o valor médio das dimensões Aceitação e Coerção é superior para o sexo feminino e inferior para o sexo masculino;
- o valor médio das subescalas Diálogo, Afeto, Indiferença e Coerção Verbal é superior para o sexo feminino e inferior para o sexo masculino;
- o valor médio das subescalas Displícência e Coerção Física é superior para o sexo masculino e inferior para o sexo feminino

Tabela 10. Relação entre as dimensões e subescalas da ESPA 29 e o Sexo

	Feminino		Masculino		t_{70}	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Aceitação	2,76	0,44	2,73	0,49	0,256	0,798	0,057
Coerção	1,70	0,42	1,55	0,39	1,457	0,150	0,301
1. Diálogo	2,03	0,67	1,86	0,66	1,037	0,304	0,176
2. Afeto	2,53	0,63	2,43	0,72	0,582	0,562	0,089
3. Displícência	1,46	0,46	1,58	0,57	-0,840	0,403	0,132
4. Indiferença	2,05	0,66	1,78	0,66	1,603	0,114	0,352
5. Coerção Física	1,11	0,16	1,18	0,35	-0,955	0,343	0,156
6. Privação	1,84	0,63	1,50	0,48	2,559	* 0,013	0,714
7. Coerção Verbal	2,16	0,70	1,99	0,63	1,033	0,305	0,175

* $p < 0,05$

Gráfico 5. Médias das dimensões e subescalas da ESPA 29 por sexo



Deste modo, apenas para a subescala Privação se verificam diferenças significativas entre os dois sexos, sendo a privação mais percebida pelo sexo feminino. Para as dimensões e para as restantes subescalas, a percepção na amostra também é superior para o sexo feminino, exceto para as subescalas Displícência e Coerção Física, mas as diferenças observadas na amostra não são significativas.

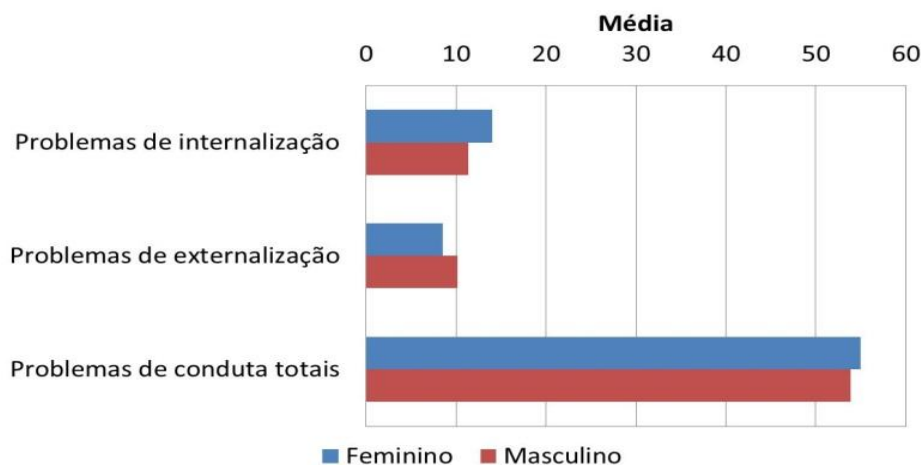
4.6. Relação entre o ajustamento psicológico e o sexo dos adolescentes

Após análise dos resultados obtidos na Tabela 11 e no Gráfico 6, concluímos que para os problemas de internalização e problemas de conduta totais, a percepção na amostra é superior para o sexo feminino, para os problemas de externalização a percepção na amostra é superior para o sexo masculino, mas as diferenças observadas na amostra não são significativas.

Tabela 11. Relação entre as dimensões da Escala YSR e o Sexo

	Feminino		Masculino		t_{70}	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Problemas de internalização	14,04	7,04	11,35	6,55	1,600	0,114	0,351
Problemas de externalização	8,50	3,68	10,19	4,81	-1,510	0,136	0,319
Problemas de conduta totais	54,96	20,43	53,83	23,20	0,202	0,841	0,055

Gráfico 6. Médias das dimensões da Escala YSR por sexo



4.7. Relação entre os estilos de socialização parental e a idade dos adolescentes

Para a realização desta análise, as idades foram agrupadas em duas classes etárias, dos 11-15 anos com 33 elementos (45,8%) e dos 16-19 anos com 39 elementos (54,2%).

No seguimento dos resultados obtidos na Tabela 12 e no Gráfico 7, apenas para a subescala Privação verificamos diferenças significativas entre as idades, sendo a privação mais percebida pelos mais novos.

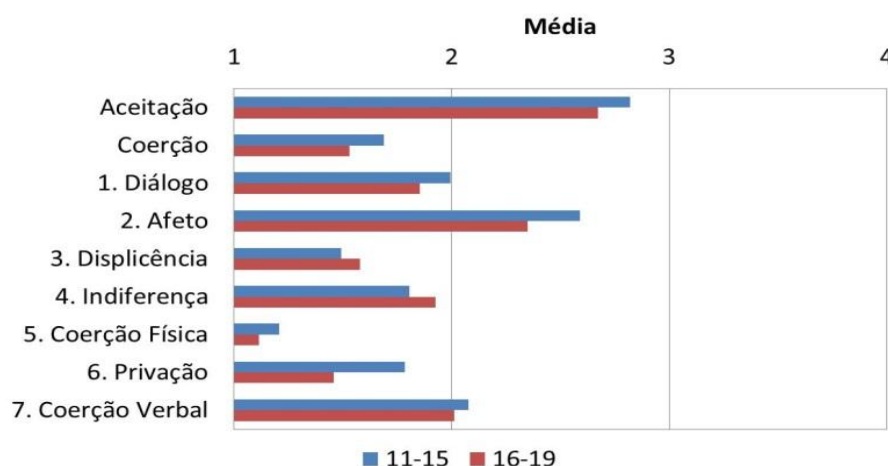
Para as dimensões Aceitação e Coerção e para as restantes subescalas (Diálogo, Afeto, Coerção Física e Verbal), a percepção na amostra também é superior para os mais novos, exceto para as subescalas Displícência e Indiferença, mas as diferenças observadas na amostra não são significativas.

Tabela 12. Relação entre as dimensões e subescalas da ESPA 29 e a Idade

	11-15 anos		16-19 anos		t_{70}	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Aceitação	2,82	0,48	2,67	0,45	1,349	0,182	0,265
Coerção	1,69	0,43	1,53	0,37	1,711	0,092	0,393
1. Diálogo	2,00	0,67	1,85	0,66	0,909	0,366	0,146
2. Afeto	2,59	0,66	2,35	0,70	1,494	0,140	0,314
3. Displícência	1,49	0,59	1,58	0,48	-0,687	0,494	0,104
4. Indiferença	1,81	0,61	1,93	0,72	-0,768	0,445	0,118
5. Coerção Física	1,21	0,32	1,12	0,28	1,281	0,204	0,244
6. Privação	1,78	0,61	1,46	0,46	2,573	* 0,012	0,718
7. Coerção Verbal	2,08	0,68	2,01	0,64	0,437	0,664	0,072

* $p < 0,05$

Gráfico 7. Médias das dimensões e subescalas da ESPA 29 por idade



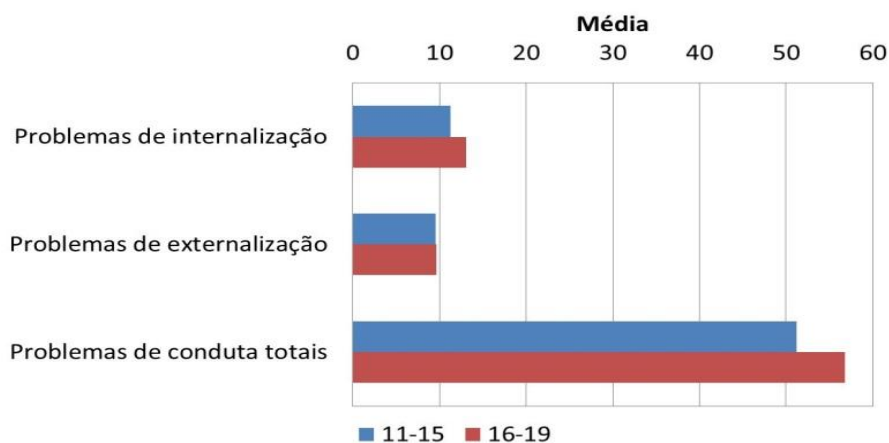
4.8. Relação entre o ajustamento psicológico e a idade dos adolescentes

De acordo com a Tabela 13 e com o Gráfico 8, para os problemas de internalização, problemas de externalização e problemas de conduta totais, a perceção na amostra é superior para os mais velhos, mas as diferenças observadas na amostra não são significativas.

Tabela 13. Relação entre as dimensões da Escala YSR e a Idade

	11-15 anos		16-19 anos		t_{70}	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Problemas de internalização	11,30	5,01	13,05	7,98	-1,090	0,280	0,189
Problemas de externalização	9,58	4,36	9,67	4,69	-0,085	0,933	0,051
Problemas de conduta totais	51,18	18,21	56,77	25,00	-1,066	0,290	0,183

Gráfico 8. Médias das dimensões da Escala YSR por idade



4.9. Relação entre os estilos de socialização parental e a escolaridade dos pais

Para a realização desta análise, numa primeira fase definiu-se qual a escolaridade máxima do pai e da mãe, verificando-se que na grande maioria dos casos ambos têm as mesmas habilitações, pelo que estas foram agrupadas em três classes: sem estudos (SEM) com 3 elementos (4,2%), ensino básico do 1.º ciclo (EB1) com 48 elementos (66,7%) e ensino básico do 2.º ciclo a secundário (EB23S) com 19 elementos (26,4%).

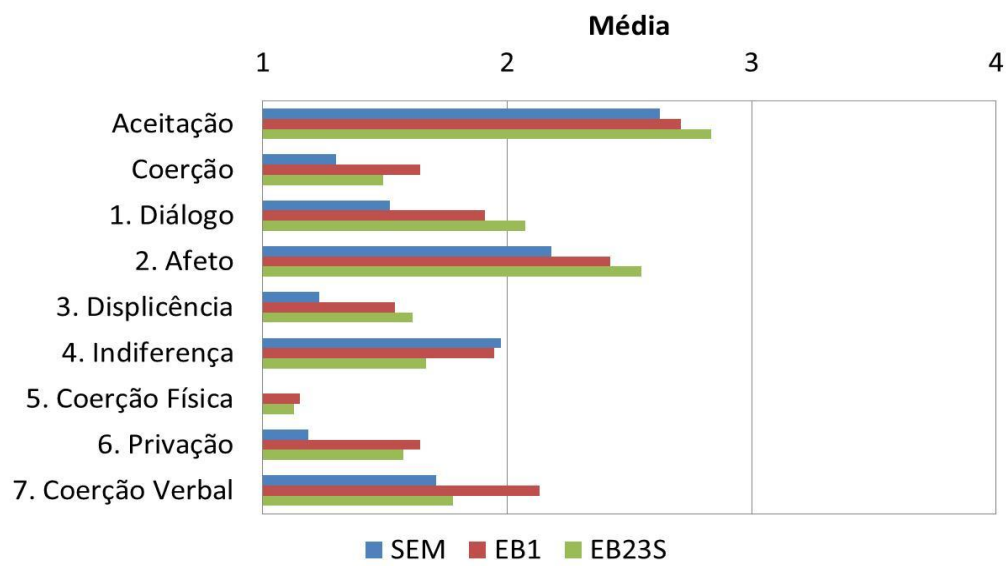
Tendo em consideração os dados obtidos na Tabela 14 e no Gráfico 9, verificamos que a perceção na amostra tende a aumentar com o aumento da escolaridade para a dimensão Aceitação e para as subescalas Diálogo, Afeto e Displícência.

Por sua vez, tende a diminuir com o aumento da escolaridade para a subescala Indiferença, mas as diferenças observadas na amostra não são significativas.

Tabela 14. Relação entre as dimensões e subescalas da ESPA 29 e a escolaridade dos pais

	SEM		EB1		EB23S		$F_{2,76}$	p	η^2
	M	DP	M	DP	M	DP			
Aceitação	2,62	0,06	2,71	0,52	2,84	0,36	0,572	0,567	0,141
Coerção	1,30	0,32	1,64	0,40	1,49	0,39	1,823	0,169	0,368
1. Diálogo	1,52	0,64	1,91	0,69	2,08	0,59	1,057	0,353	0,228
2. Afeto	2,18	0,59	2,42	0,71	2,55	0,65	0,463	0,631	0,123
3. Displícência	1,23	0,22	1,54	0,59	1,61	0,42	0,656	0,522	0,156
4. Indiferença	1,97	0,78	1,95	0,72	1,67	0,49	1,229	0,299	0,259
5. Coerção Física	1,00	0,00	1,15	0,28	1,13	0,21	0,507	0,605	0,130
6. Privação	1,19	0,32	1,65	0,59	1,58	0,51	0,986	0,378	0,215
7. Coerção Verbal	1,71	0,63	2,13	0,64	1,78	0,60	2,540	0,086	0,492

Gráfico 9. Médias das dimensões e subescalas da ESPA 29 por escolaridade



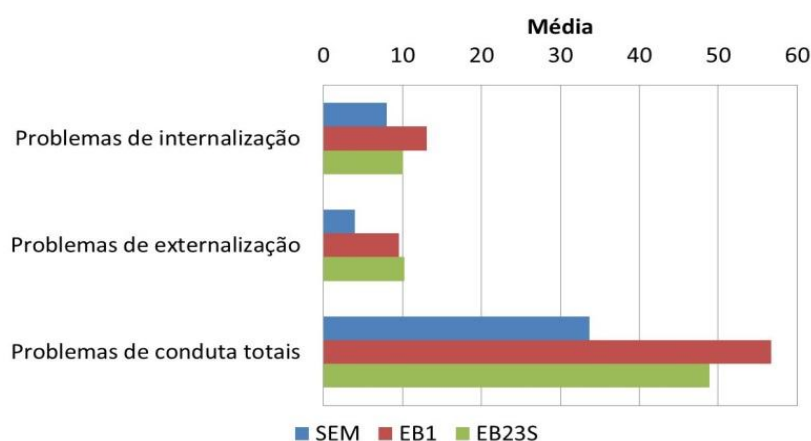
4.10. Relação entre o ajustamento psicológico dos adolescentes e a escolaridade dos pais

Na Tabela 15 e no Gráfico 10, a perceção na amostra tende a aumentar com o aumento da escolaridade para os problemas de externalização e é superior para EB1, intermédio para EB23S e inferior para SEM para os problemas de internalização e os problemas de conduta totais, mas as diferenças observadas na amostra não são significativas.

Tabela 15. Relação entre as dimensões da Escala YSR e a escolaridade dos pais

	SEM		EB1		EB23S		$F_{2,76}$	p	η^2
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Problemas de internalização	8,00	9,54	13,08	6,55	10,05	6,61	1,977	0,146	0,395
Problemas de externalização	4,00	2,00	9,54	4,45	10,26	4,48	2,623	0,080	0,505
Problemas de conduta totais	33,67	29,94	56,69	21,95	48,89	20,32	2,176	0,121	0,430

Gráfico 10. Médias das dimensões da Escala YSR por escolaridade



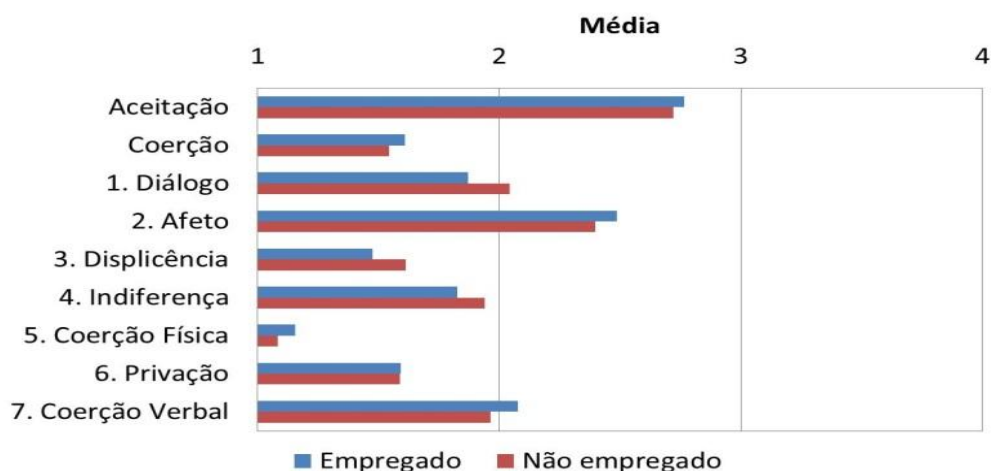
4.11. Relação entre os estilos de socialização parental e o estatuto ocupacional do pai

Na realidade, com base na Tabela 16 e no Gráfico 11, a percepção na amostra é superior para os que têm pais empregados para as dimensões Aceitação e Coerção e para as subescalas Afeto, Coerção Física e Coerção Verbal. Contudo, a percepção na amostra é superior para os que têm pais não empregados para as subescalas Diálogo, Displícência e Indiferença, pese embora as diferenças observadas na amostra não serem significativas.

Tabela 16. Relação entre as dimensões e subescalas da ESPA 29 e o estatuto ocupacional do pai

	Empregado		Não empregado		t_{61}	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Aceitação	2,76	0,48	2,72	0,51	0,317	0,752	0,061
Coerção	1,61	0,39	1,55	0,42	0,592	0,556	0,090
1. Diálogo	1,87	0,69	2,04	0,66	-0,910	0,366	0,146
2. Afeto	2,49	0,70	2,40	0,66	0,481	0,633	0,076
3. Displícência	1,48	0,46	1,61	0,68	-0,916	0,363	0,147
4. Indiferença	1,83	0,62	1,94	0,78	-0,613	0,542	0,093
5. Coerção Física	1,16	0,30	1,08	0,14	1,032	0,306	0,174
6. Privação	1,59	0,54	1,59	0,54	0,038	0,970	0,050
7. Coerção Verbal	2,08	0,66	1,96	0,72	0,616	0,540	0,093

Gráfico 11. Médias das dimensões e subescalas da ESPA 29 por estatuto ocupacional do pai



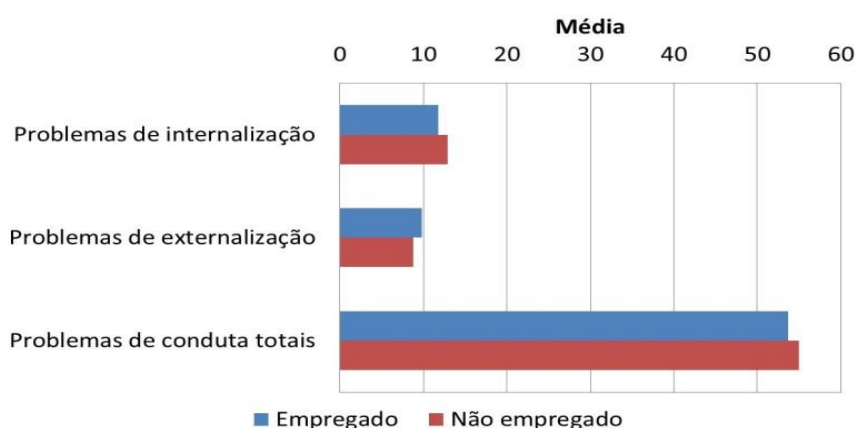
4.12. Relação entre o ajustamento psicológico dos adolescentes e o estatuto ocupacional do pai

De acordo com a Tabela 17 e o Gráfico 12, a perceção na amostra é superior para os que têm pais não empregados para os problemas de internalização e problemas de conduta totais, sendo que, para os problemas de externalização, a perceção na amostra é superior para os que têm pais empregados, mas as diferenças observadas na amostra não são significativas.

Tabela 17. Relação entre as dimensões da Escala YSR e o estatuto ocupacional do pai

	Empregado		Não empregado		t_{61}	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Problemas de internalização	11,80	6,16	12,89	7,10	-,620	,537	,094
Problemas de externalização	9,82	4,22	8,79	4,85	,849	,399	,133
Problemas de conduta totais	53,66	20,73	55,00	24,18	-,224	,823	,056

Gráfico 12. Médias das dimensões da Escala YSR por o estatuto ocupacional do pai



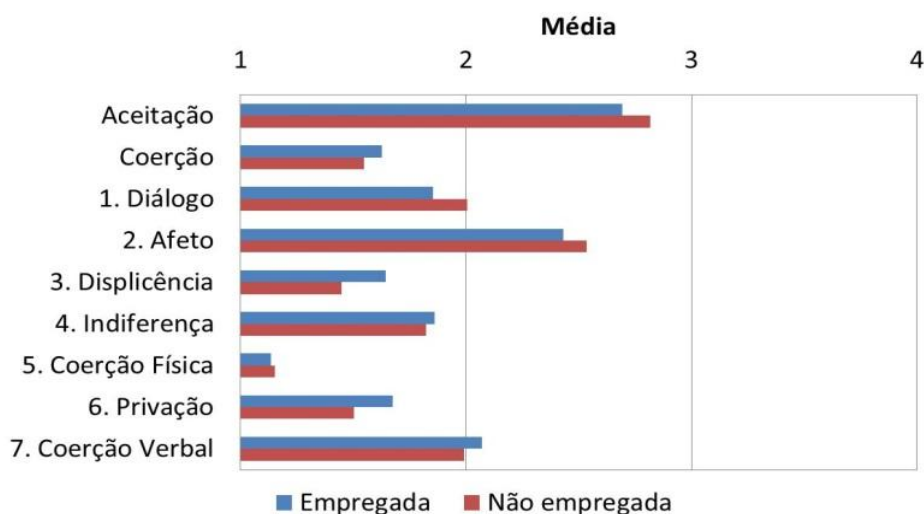
4.13. Relação entre os estilos de socialização parental e o estatuto ocupacional da mãe

No que respeita aos resultados obtidos na Tabela 18 e o Gráfico 13, verifica-se que a perceção na amostra é superior para os que têm mães empregadas para a dimensão Coerção e para as subescalas Displícência, Indiferença, Privação e Coerção Verbal. No entanto, para a dimensão Aceitação e para as subescalas Diálogo, Afeto e Coerção Física a perceção na amostra é superior para os que têm mães não empregadas, não sendo as diferenças observadas na amostra significativas.

Tabela 18. Relação entre as dimensões e subescalas da ESPA 29 e o estatuto ocupacional da mãe

	Empregada		Não empregada		t_{66}	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Aceitação	2,70	0,49	2,82	0,45	-1,061	0,292	0,182
Coerção	1,63	0,41	1,55	0,38	0,814	0,418	0,126
1. Diálogo	1,85	0,58	2,00	0,75	-0,920	0,361	0,148
2. Afeto	2,43	0,69	2,53	0,71	-0,595	0,554	0,090
3. Displícência	1,64	0,65	1,45	0,42	1,470	0,146	0,305
4. Indiferença	1,86	0,65	1,82	0,70	0,238	0,813	0,056
5. Coerção Física	1,14	0,18	1,15	0,34	-0,255	0,800	0,057
6. Privação	1,67	0,62	1,50	0,45	1,293	0,200	0,247
7. Coerção Verbal	2,07	0,67	1,99	0,65	0,507	0,614	0,079

Gráfico 13. Médias das dimensões e subescalas da ESPA 29 por estatuto ocupacional da mãe



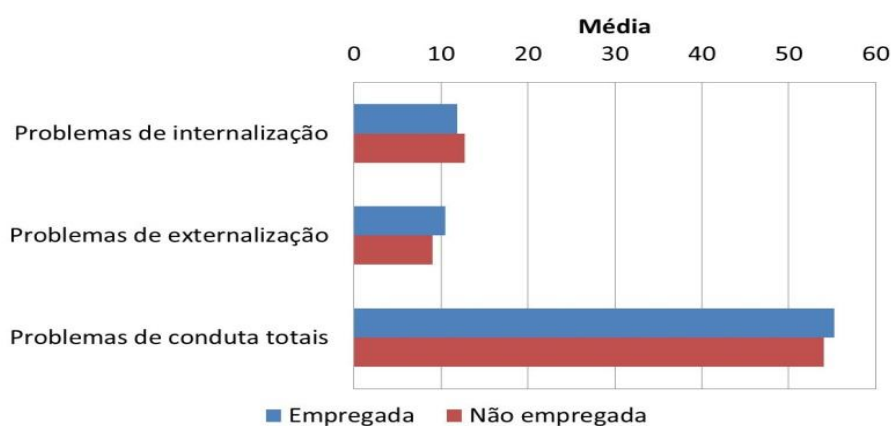
4.14. Relação entre o ajustamento psicológico dos adolescentes e o estatuto ocupacional da mãe

Na Tabela 19 e no Gráfico 14 podemos observar que, para os problemas de externalização e problemas de conduta totais, a percepção na amostra é superior para os que têm mães empregadas, para os problemas de internalização a percepção na amostra é superior para os que têm mães não empregadas, mas as diferenças observadas na amostra não são significativas.

Tabela 19. Relação entre as dimensões da Escala YSR com o estatuto ocupacional da mãe

	Empregada		Não empregada		t_{66}	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Problemas de internalização	11,91	6,82	12,71	7,10	-0,476	0,635	0,076
Problemas de externalização	10,52	3,72	9,09	5,11	1,312	0,194	0,253
Problemas de conduta totais	55,27	21,34	54,03	23,96	0,226	0,822	0,056

Gráfico 14. Médias das dimensões da Escala YSR por o estatuto ocupacional da mãe



4.15. Relação entre os estilos de socialização parental e a estrutura familiar

Após análise da Tabela 20 e do Gráfico 15 podemos concluir que a Coerção Verbal é mais percebida pelos adolescentes de outras estruturas familiares do que os de estrutura familiar biparental, com diferenças significativas.

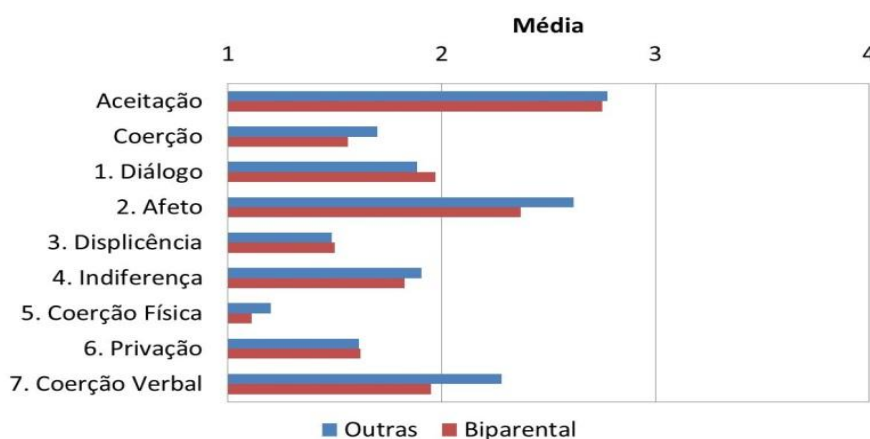
Para as dimensões Aceitação e Coerção e para as subescalas Afeto, Indiferença e Coerção Física, a percepção na amostra é superior para outras estruturas familiares, sendo que, para as subescalas Diálogo, Displícência e Privação, a percepção na amostra é superior para a estrutura familiar biparental, contudo, as diferenças observadas na amostra não são significativas.

Tabela 20. Relação entre as dimensões e subescalas da ESPA 29 e a estrutura familiar

	Outras		Biparental		t_{67}	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Aceitação	2,78	0,45	2,75	0,42	0,221	0,826	0,055
Coerção	1,70	0,40	1,56	0,39	1,375	0,174	0,273
1. Diálogo	1,88	0,66	1,97	0,66	-0,518	0,606	0,080
2. Afeto	2,62	0,64	2,37	0,65	1,510	0,136	0,319
3. Displícência	1,49	0,49	1,50	0,43	-0,123	0,902	0,052
4. Indiferença	1,91	0,68	1,83	0,60	0,504	0,616	0,079
5. Coerção Física	1,20	0,37	1,11	0,18	1,340	0,185	0,262
6. Privação	1,61	0,56	1,62	0,56	-0,050	0,960	0,050
7. Coerção Verbal	2,28	0,65	1,95	0,62	2,060	* 0,043	0,528

* $p < 0,05$

Gráfico 15. Médias das dimensões e subescalas da ESPA 29 por estrutura familiar



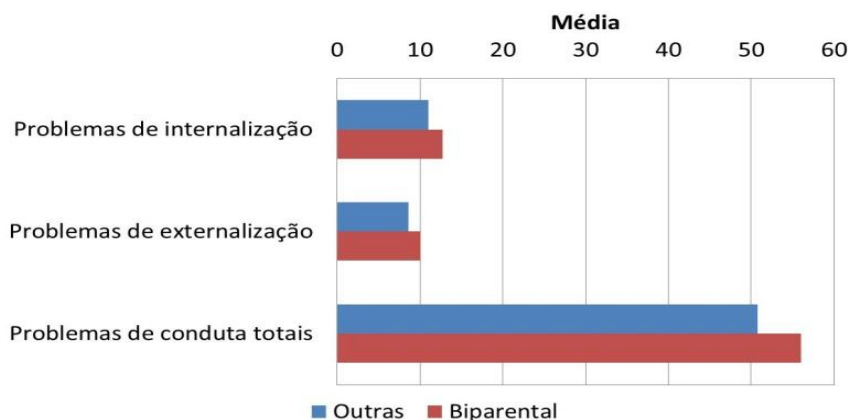
4.16. Relação entre o ajustamento psicológico dos adolescentes e a estrutura familiar

Na Tabela 21 e no Gráfico 14 as diferenças observadas na amostra não são significativas, no entanto, para os problemas de internalização, problemas de externalização e problemas de conduta totais, a perceção na amostra é superior para os que têm estrutura familiar biparental e inferior para outras estruturas.

Tabela 21. Relação entre as dimensões da Escala YSR e a estrutura familiar

	Outras		Biparental		t_{67}	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Problemas de internalização	11,00	5,44	12,76	7,44	-1,007	0,317	0,168
Problemas de externalização	8,65	3,87	10,04	4,84	-1,199	0,235	0,219
Problemas de conduta totais	50,74	19,06	55,98	23,87	-0,916	0,363	0,147

Gráfico 16. Médias das dimensões da Escala YSR por a estrutura familiar



5. Discussão dos resultados

O presente estudo teve como principal objetivo analisar de que forma o estilo educativo parental poderá influenciar o ajustamento psicológico de adolescentes considerados em risco.

Deste modo, procurou-se analisar de que forma os estilos parentais percebidos pelos adolescentes se encontram relacionados significativamente com a presença de problemas de internalização e de externalização.

Esta análise incluiu estilos de socialização parentais (variáveis como diálogo, afeto, displicência, indiferença, coerção física, privação e coerção verbal), a parentalidade positiva (Aceitação/Implicação), a parentalidade negativa (Coerção/ Imposição) e o ajustamento psicológico dos adolescentes (problemas de internalização e externalização).

Os resultados deste estudo revelaram não existir qualquer relação significativa entre os estilos de socialização parental e o ajustamento psicológico dos adolescentes.

No entanto foram encontradas relações estatisticamente positivas e significativas entre a parentalidade positiva e as subescalas que a integram, revelando maior Aceitação, maiores níveis de Afeto e Diálogo que poderão traduzir-se em menor Displcência e Indiferença.

Da mesma forma, foram estabelecidas correlações positivas entre a parentalidade negativa (Coerção/Imposição) e as subescalas que a integram, maior Coerção Verbal, Privação e Coerção Física.

Estas duas dimensões parentais fundamentais (Aceitação e Imposição) refletem dois padrões consistentes e não relacionados (isto é, ortogonais) de comportamento parental no processo de socialização (Darling & Steinberg

1993, Garcia et al., 1994). Os investigadores enfatizaram a importância de combinar as duas dimensões principais deste modelo de socialização parental para analisar acuradamente as suas relações com o ajustamento psicossocial dos adolescentes (Lamborn et al., 1991, Maccoby & Martin, 1983).

Apesar de não ter sido possível aferir de que forma a parentalidade positiva/negativa afeta o ajustamento psicológico do adolescente, concluiu-se que sempre que aumenta a tendência de problemas internalizantes, a mesma tendência é verificada para os problemas externalizantes, e vice-versa.

Segundo Delgado (2006), o Afeto é, sem dúvida, a dimensão mais relevante quando se trata de relações entre pais e adolescentes. Geralmente, este rótulo é usado quando nos referimos a aspetos como a proximidade emocional, apoio, harmonia ou coesão, e está associado ao controlo ou monitorização do estilo parental autoritativo/democrático, classificado por Baumrind (1968). Embora seja considerada uma dimensão diferente, o diálogo mostra uma forte relação com o afeto, sendo a sua presença observada nas relações entre pais e filhos mais calorosas e de maior proximidade (Flouri & Buchanan, 2002).

No entanto, essa continuidade coexiste com mudanças significativas nas interações, tanto em expressões positivas quanto negativas de afeto na perceção de que ambos têm da sua relação (Collins & Russell, 1991).

Durante décadas a evidência empírica revelou que os pais de estilo democrático, caracterizado pelo afeto, controlo e exigências de maturidade, têm filhos que demonstram um maior ajustamento emocional e comportamental. Assim, podemos afirmar que adolescentes com pais democráticos apresentam níveis mais elevados de auto-estima e desenvolvimento moral, maior interesse pela escola e melhor desempenho académico (Glasgow, Dornbush, Troyer, Steinberg e Ritter, 1997; Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbush, 1991; Pelegrina, García e Casanova, 2002), mostram maior satisfação com a vida (Suldo e Huebner, 2004), são menos

conformistas à pressão negativa do grupo de pares e apresentam menos problemas comportamentais (Aunola, Stattin e Nurmi, 2000; Darling e Steinberg, 1993; Lamborn et al. 1991; Pelegrina et al., 2002).

Pelo contrário, aqueles que cresceram num ambiente indiferente tendem a apresentar toda uma gama de problemas emocionais e comportamentais. Deste modo, a falta de afeto e supervisão adequada desses pais e mães tem efeito negativo para o desenvolvimento desses jovens, que muitas vezes têm desequilíbrios ao nível social como impulsividade, comportamento criminoso ou consumo abusivo de substâncias (Kurdek e Fine, 1994; Steinberg, 2001), sendo também frequente a baixa auto-estima e os problemas emocionais, chegando a manifestar problemas depressivos (Milevsky, Schlechter, Netter e Keehn, 2007; Sheeber, Hops, Alpert, Davis e Andrews, 1997).

Procurou-se ainda estabelecer uma relação entre as dimensões das escalas utilizadas (estilo educativo parental e ajustamento psicológico dos adolescentes) e as variáveis sociodemográficas, nomeadamente, sexo, idade, escolaridade dos pais, estatuto ocupacional dos pais e estrutura familiar.

Na relação entre os estilos de socialização parental e o sexo dos indivíduos, apesar de não terem sido obtidos dados estatísticos consistentes, com exceção da subescala Privação, foi possível verificar valores superiores nas subescalas de Afeto e Diálogo, em média, nas raparigas comparativamente aos rapazes, sendo que os valores destas subescalas diminuíram à medida que a idade dos participantes aumentou.

Há dados abundantes que indicam um declínio, durante a adolescência, da proximidade emocional, das expressões de afeto (Collins & Respinski, 2001), e a quantidade de tempo que os pais e os jovens passam juntos (Larson, Richards, Moneta, Holmbeck & Duckett, 1996). A comunicação também sofre uma ligeira deterioração no momento da puberdade, já que nesta fase os adolescentes falam menos espontaneamente sobre os seus assuntos, as interrupções são mais frequentes e conseqüentemente a comunicação torna-se mais difícil. No entanto, essa deterioração geralmente é temporária, e na

maioria das famílias com bons índices de afeto e diálogo, também esse efeito positivo geralmente é recuperado ainda durante a adolescência. Apesar de existirem ligeiras diferenças de gênero nos níveis globais de afeto e diálogo, uma vez que as raparigas são colocadas acima dos rapazes, em qualquer idade, a diminuição destes níveis seguida da subsequente recuperação geralmente ocorre de forma semelhante em ambos os sexos (Larson et al., 1996; Parra & Oliva, 2002).

De acordo com estes autores (2002), podemos considerar o afeto como a dimensão-chave do estilo democrático também durante a adolescência, pois mostra uma relação muito positiva e pouco controversa com o desenvolvimento e ajustamento psicológico dos adolescentes.

No presente estudo concluiu-se que o valor médio de Privação é superior para o sexo feminino. De acordo com Parra e Oliva (2006), estas diferenças no controlo comportamental mais autoritário dos pais para as raparigas adolescentes devem-se à imagem social atribuída ao sexo feminino como um ser mais vulnerável e com maior necessidade de proteção. As raparigas poderão sentir que os pais agem de uma forma mais autoritária porque amadurecem antes da exigência de uma maior liberdade. Por outro lado, os estudos que avaliaram o controlo como o nível de conhecimento que têm os pais sobre as atividades diárias dos filhos não observaram diferenças entre as diversas etapas da adolescência, embora tenham podido constatar que são as raparigas as que informam os seus progenitores com mais frequência e de maneira mais espontânea sobre os seus assuntos (Parra & Oliva, 2002, 2006).

Observou-se ainda que, à medida que os adolescentes crescem, consideram que o nível de afeto dos pais diminui mas a indiferença e a displicência aumentam face às situações quotidianas. Estes resultados parecem ser consistentes com o aumento da autonomia ao longo da adolescência, sendo que a tendência será os pais recorrerem menos ao controlo impositivo e restritivo e a aumentarem a indiferença e a displicência, de forma a permitir a negociação das regras, que vão sendo integradas pelos adolescentes

(Fleming, 1997; Musitu & García, 2001, 2004a, 2005; Oliva, 2003; Parra & Oliva, 2006; Steinberg, 2005b).

Por último, foi possível ainda aferir que a Coerção Verbal é mais percebida por adolescentes que vivem apenas com a mãe/pai (família monoparental), ou em família reconstruída (Pai/Mãe biológico/a e Madrasta/Padrasto) ou outro tipo de estrutura familiar, nomeadamente com avós, tios e/ou primos.

No que respeita à estrutura familiar vários estudos sugerem a existência de alguns aspetos da formação familiar que são prejudiciais para o desenvolvimento dos adolescentes, nomeadamente, o divórcio, a existência de pais solteiros e a ausência parental. Os adolescentes provenientes de estrutura familiar não biparental têm demonstrado maiores perturbações do comportamento e um funcionamento social mais empobrecido (Forehand et al., 2004).

6. Conclusões

Este estudo teve como principal objetivo analisar de que forma o estilo educativo parental poderá influenciar o ajustamento psicológico de adolescentes em risco, avaliando algumas variáveis como comunicação entre pais e filhos, estilo de socialização parental, satisfação familiar e comportamentos psicopatológicos.

Lamentavelmente, e provavelmente devido ao reduzido número de participantes, não foi possível encontrar correlações significativas entre o estilo educativo parental e os problemas de internalização e externalização.

Apesar da relativa distância afetiva e comunicativa que ocorre em muitas díades na adolescência, a verdade é que os jovens continuarão a beneficiar de pais comunicativos, próximos e afetuosos, que os apoiam nos momentos difíceis que tenham de atravessar ao longo da vida. Quando o afeto, o apoio e o diálogo positivo caracterizam a relação entre pais e adolescentes, estes últimos revelam um melhor ajustamento psicossocial, incluindo autoconfiança (Steinberg & Silverberg, 1986), competência comportamental e académica (Steinberg, Lamborn, Dornbusch & Darling, 1992), autoestima e bem-estar psicológico (Noller & Callan, 1991; Oliva, Parra & Sánchez, 2002), menores níveis de sintomas depressivos (Allen, Hauser, Eickholt, Bell & O'Connor, 1994) e menores problemas comportamentais (Ge, Best, Conger & Simons, 1996). Quando existe um ambiente emocional mais favorável, poderá haver lugar a uma maior probabilidade de os adolescentes serem mais permeáveis às tentativas de socialização por parte dos pais e não se rebelarem contra as suas estratégias de controlo (Darling & Steinberg, 1993).

É de extrema importância que os pais compreendam também que, embora as relações com os seus filhos se alterem durante a adolescência, serão ainda muito gratificantes, pois se demonstrarem ter expectativas muito pessimistas em relação aos seus filhos, poderá não ser estranho que estas acabem por se cumprir. Os pais precisam estar informados sobre as principais alterações dos

seus filhos na adolescência, bem como, sobre as suas novas necessidades, de modo a poderem reagir de forma mais racional e menos confusa aos novos comportamentos dos adolescentes. Mas também é importante que saibam como desenvolver um estilo parental apropriado, um estilo que combine afeto, diálogo e apoio, com a promoção da autonomia e da individualidade necessárias para o seu desenvolvimento e ajustamento psicossocial (Delgado, 2006).

Segundo o mesmo autor (2006), muitos dos problemas inerentes à adolescência estão relacionados com a falta de afeto e apoio, e em muitos casos, são uma reação a um conjunto de regras ou limites estabelecidos unilateralmente, ou de forma autoritária por pais que dialogam pouco com os seus filhos. O uso do controlo, especialmente no início da adolescência, deve ser realizado de forma democrática e ajustado à idade e maturidade do adolescente, através da concessão de maior autonomia e influência na tomada de decisões, quer no ambiente familiar, quer na escola, ou no seu ambiente social. A infantilização de adolescentes, mantendo-os instalados na infância, supõe virar as costas para a realidade de uma adolescência que se inicia cada vez mais precocemente.

As investigações realizadas em contextos anglo-saxónicos com amostras europeias e americanas de classe média identificam o estilo parental autoritativo (pais afetuosos que proporcionam ao mesmo tempo um controlo firme e exigências ajustadas à idade da criança/adolescente) como o melhor estilo parental, associado a um ótimo ajustamento psicossocial de crianças e adolescentes (Gray e Steinberg, 1999; Steinberg et al., 1994).

Contudo, um número crescente de investigações realizadas em contextos anglo-saxónicos com minorias étnicas, sugere que o estilo parental autoritativo nem sempre está associado aos melhores resultados em crianças e adolescentes (Chao, 1994; Kim e Rohner, 2002).

Também numerosos estudos conduzidos em outros contextos culturais sugerem que adolescentes que definem os seus pais como indulgentes obtêm

resultados iguais, ou superiores, em diferentes indicadores de ajustamento psicossocial, aos que descrevem os seus pais como autoritativos. Nas Filipinas, nomeadamente, não foram encontradas diferenças significativas entre famílias indulgentes e autoritativas (Hindin, 2005). Diferentes estudos desenvolvidos em países da América Latina, como o México (Villalobos, Cruz y Sánchez, 2004) e Brasil (Martínez, García e Yubero, 2007), também sugerem que os adolescentes que vivem em contextos familiares autoritativos não diferem (em termos de consequências sobre a auto-estima, desempenho académico, social e físico) daqueles criados em contextos familiares indulgentes. Resultados semelhantes foram encontrados em países europeus como a Alemanha (Wolfradt, Hempel e Miles, 2003) e Itália (Marchetti, 1997).

Na atual conjuntura económica, em Portugal, muitas são as famílias que vivem num contexto social e económico desfavorecido, pelo que consideraria pertinente compreender de que forma estes fatores podem influenciar o desenvolvimento dos jovens, dada a importância dos processos familiares enquanto mediadores entre as dificuldades económicas e o seu funcionamento adaptativo. Com efeito, seria importante analisar as variáveis deste estudo comparando famílias em contexto de desvantagem social económica e famílias sem desvantagem social e económica.

No que respeita à perceção do estilo parental, a utilização do adolescente como única fonte de informação também poderá imprimir uma limitação a este estudo, no entanto, e tendo em consideração que o adolescente poderá ser mais objetivo na avaliação, poderia ter sido aumentada a amplitude entre as variáveis estudadas, nomeadamente, entre o estilo materno e o paterno.

Pese embora os dados obtidos não permitam extrair relações causais, apontam na mesma direção de muitas outras investigações que indicam que, apesar da crescente importância de outros contextos, a família continua a ser uma referência fundamental durante a adolescência (Oliva, 2006). Assim, a criação de um clima relacional entre pais e filhos, caracterizado por apoio,

carinho, boa comunicação, promoção de autonomia poderá ser a chave para o desenvolvimento positivo e o ajustamento psicológico do adolescente.

Finalmente, e não menos importante, é necessário que os pais disponham de recursos que os apoiem a desempenhar as suas tarefas educacionais, que lhes transmitam conhecimento e estratégias para aumentar a sua competência e melhorar o seu estilo parental, fortalecendo também os seus vínculos com a comunidade (Máiquez, Rodríguez e Rodrigo, 2004). Esta possibilidade contribuiria para a redução de muitos dos problemas de ajustamento interno e externo, característicos da adolescência, e facilitaria uma transição mais saudável para a idade adulta.

7. Referências Bibliográficas

Anastasi, A. (1990). Psychological testing. *New York: McMillan*.

Ainsworth, M.D.S. (1969). Object relations, dependency, and attachment: a theoretical review of the infant-mother relationship. *Child development*, 40, p. 969-1025.

Ainsworth, M.D.S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, p.709-716.

Amato, P.R.. & Gilbreth, J.G. (1999). Nonresident fathers and children's well-being: a metaanalysis. *Journal of Marriage and the Family*, 61, p. 557-575.

Amini, E, Lewis, T., Lannon, R, Louie, A., *et al.* (1996). Affect, attachment, memory: contributions toward psychobiologic integration. *Psychiatry*, 59, p. 213-239.

Araújo, A (2013). Percepção dos estilos educativos parentais e ajustamento psicológico do adulto - comparação entre indivíduos com e sem perturbações depressivas. *Paidéia*, 2003,12(24), 215-227.

Ashford, J; Smit, F; Lier, P.; Cuijpers, P; Koot, H (2008). Early risk indicators of internalizing problems in late childhood: a 9-year longitudinal study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry* 49:7 (774-780).

Arrindell, W.A., Perris, C , Eisemann, M., van der Ende & von Knorring, L. (1986). Cross-national generalizability of patterns of parental rearing styles behaviour: invariance of EMBU dimensional representations of healthy subjects from Australia, Denmark, Hungary, Italy and The Netherlands. *Personality and Individual Differences*, 7, p. 103-112.

Aunola, K., Stattin, H. & Nurmi, J. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23, 205-222.

Bandura, A. (1977). Self-efficacy: toward a unifying theory of behavior change. *Psychological Review*, 84, p. 191-215.

Bandura, A. (1986). Social foundations of thought and action: a social cognitive theory. *Englewood Cliffs: Prentice-Hall*.

Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.

Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4 (1, Pt. 2)

Barber, B; Lyons, J. (1993). Family Processes and Adolescent Adjustment in Intact and Remarried Families. *Journal of Youth and Adolescence*, Vol.23, N.4, 421-436.

Beavers, W. (1985). Successful marriage. *Nova lorque: W. W. Norton*.

Belsky, J. & Isabella, R. (1988). Maternal, infant and social-contextual determinants of attachment security. In J. Belksky & T. Nezworski (eds.), *Clinical implications of attachment* (pp. 41-94). Hillsdale: Lawrence Earlbaum.

Bowlby, J. (1969). Attachment and Loss I: Attachment. *London: Hogarth Press*.

Bowlby, J. (1973). Attachment and Loss II: Separation, anxiety and anger. *London: Tavistock*.

Bowlby, J. (1980). Attachment and Loss III: Loss, sadness and depression. *New York: Basic Books.*

Bowlby, J. (1985). The role of childhood experience in cognitive disturbance. In M. Mahoney & A. Freeman (Eds.), *Cognition and psychotherapy* (pp. 181-200). New York: Plenum Press.

Canavarro, M.C (1999). Relações afectivas ao longo do ciclo de vida e saúde mental. *Coimbra: Quarteto.*

Chao, R. K. (1994). Beyond parental control and authoritarian parenting style: Understanding Chinese parenting through the cultural notion of training. *Child Development*, 65, 1111-1119.

Chen, Z. & Kaplan, H.B. (2001). Intergenerational transmission of constructive parenting. *Journal of Marriage and the Family*, 63, p. 17-31.

Cosgaya, L., Nolte, M., Martínez-Pampliega, A., Sanz, M., Iraurg, I. (2008). Conflicto interparental, relaciones padres-hijos e impacto emocional en los hijos. *Revista de Psicología Social*, 23, 29-40.

Crook, T, & Raskin, A. & Eliot, J. (1981). Parentchild relationships and adult depression. *Child Development*, 52, p.950-957.

Curran, D. (1983). Traits of a healthy family. *Minneapolis, MI: Winston Press.*

Darling, N. y Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.

Dearing, E., Taylor, B., & McCartney, K. (2006). Within-child associations between family income and externalizing and internalizing problems. *Developmental Psychology*, Vol. 42, No. 2, 237-252.

Delgado Oliva, A (2006). Relaciones familiares y desarrollo adolescente. *Anuario de Psicología*, vol.37, nº3, 209-223, *Facultat de Psicologia, Universitat de Barcelona*.

Dekovic, M.; Buist, K.; Reitz, E. (2004). Stability and Changes in Problem Behavior During Adolescence: Latent Growth Analysis. *Journal of Youth and Adolescence*, Vol. 33, N. 1, 1-12.

DeVellis, R.F. (1991). Scale Development. Theory and applications. *London: Sage Publications*.

Eisemann, M. (1988). Praticas educativas de los padres y psicopatologia. *Revista de Psiquiatria de Fac. Med. Barna.*, 15, p.243-254.

Eisemann, M., Perris, C., Perris, H. & von Knorring, L. (1984). Perceived parental rearing practices in depressed patients in relation to social class. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 70, p.568-572.

Epstein, N., Bishop, D., Miller, I., & Keitner, G. (1993). The McMaster model. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes* (pp. 138-160). *Nova lorque: The Guilford Press*.

Evans, G., Gonnella, C., Marcynyszyn, L., Gentile, L., & Salpekar, N. (2005). The role of chaos in poverty and children's socioemotional adjustment. *Journal of Psychological Science*, 4.43.

Ferrándiz, C., Hernández, D., Bermejo, R., Ferrando, M., y Sáinz, M. (2012). Social and emotional intelligence in childhood and adolescence: Spanish validation of a measurement instrument. *Revista de Psicodidáctica*, 17, 309-338.

Flouri, E. & Buchanan, A. (2002). Childhood predictors of labor force participation in adult life. *Journal of Family and Economic Issues*, 23, 101-120.

Forehand, R., Neighbors, B., Devine, D., & Armistead, L. (1994). Interparental conflict and parental divorce: the individual, relative, and interactive effects on adolescents across four years. *Family Relations*, 43, 387-393.

Freud, S. (1905/1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Lisboa: Livros do Brasil*.

Fuentes, M., García, F., Gracia, E., Alarcón, A. (2015). Los estilos parentales de socialización y el ajuste psicológico. Un estudio con adolescentes españoles. *Revista de Psicodidáctica*, 2015, 20(1), 117-138.

Fuster, E.G., Murillo, M.L., García, F. (2008). Estilos educativos parentales y ajuste psicológico: cuestionando la preeminencia del estilo autorizativo, *Universidad de Valencia*, p.1358-1365.

Garthe, R; Sullivan, T.; Kliewer, W. (2015). Longitudinal Relations Between Adolescent and Parental Behaviors, Parental Knowledge, and Internalizing Behaviors Among Urban Adolescents. *Journal Youth Adolescence* (2015) 44: 819-832.

García, F; Gracia, E (2014). The Indulgent Parenting Style and Developmental Outcomes in South European and Latin American Countries. *University of Valencia*.

Gavazzi, S. M. (2013). Theory and research pertaining to families with adolescents in G. W. Peterson, K. R. Bush (Eds.), *Handbook of marriage and the family* (pp. 303-327). New York: Springer-Verlag.

Gittleman, M.G., Klein, M.H., Smider, N.A. & Essex, M.J. (1998). Recollections of parental behaviour, adult attachment and mental health: mediating and moderating effects. *Psychological Medicine*, 28, p. 1443-1455.

Glasgow, K. I., Dornbush, S. M., Troyer, I., Steinberg, L. & Ritter, P. I. (1997). Parenting styles, adolescents' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development*, 68, 507-529.

Gray, M. R. y Steinberg, L. (1999). Unpacking authoritative parenting: Reassessing a multidimensional construct. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 574-587.

Hill, M., & Hill, A. (2002). Investigación por cuestionário (2a ed.). Lisboa: Sílabo.

Hinde, R.A. & Stevenson-Hinde, J. (1986). Relating childhood relationships to individual characteristics. In Hartup, W.W. & Z. Rubin (Eds.), *Relationships and development* (pp. 27-49). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.

Hindin, M. J. (2005). Family dynamics, gender differences and educational attainment in Filipino adolescents. *Journal of Adolescence*, 28, 299-316.

Hinkle, D.E., Wiersma, W., Jurs, S.G. (2003). Applied Statistics for the Behavioral Sciences. 5th ed. Boston: Houghton Mifflin.

Iglesias, B.; Romero, E. (2009). Estilos parentales percibidos, psicopatología y personalidad en la adolescencia. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, vol.14, nº2, 63-77.

Inglés, C. J., Martínez-González, A. E., García-Fernández, J. M., Torregrosa, M. S., Ruiz-Esteban, C. (2012). La conducta prosocial y el autoconcepto de estudiantes españoles de educación secundaria obligatoria. *Revista de Psicodidáctica*, 17(1), 135-156.

Jiménez, L.; Dekovic, M.; Hidalgo, V. (2008). Adjustment of school-aged children and adolescents growing up in at-risk families: Relationships between family variables and individual, relational and school adjustment. *Elsevier Journal. Children and Youth Services Review* 31, 654-661.

Kim, K. y Rohner, R. P. (2002). Parental warmth, control, and involvement in schooling: Predicting academic achievement among Korean American adolescents. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 33, 127-140.

Kurdek, L. A. & Fine, M. A. (1994): Family acceptance and family control as predictors of adjustment in young adolescents: Linear, curvilinear, or interactive effects? *Child Development*, 65, 1137-1146.

Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.

Lorence, B; Hidalgo, M.; Dekovic, M. (2013). Adolescent adjustment in at-risk families: the role of psychosocial stress and parental socialization. *Salud Mental*, Vol. 36, n.1, 49-57.

Macedo, C.; Nunes, C.; Costa, D.; Ayala Nunes, L.; Lemos, I. (2013). Apoio social, acontecimentos stressantes, adaptabilidade e coesão em famílias em risco psicossocial. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14 (2), 304-312.

Máiquez, M.L.; Rodriguez, G.; Rodrigo, M.J. (2004). Intervención psicopedagógica en el ámbito familiar: los programas de educación para padres. *Infancia y Aprendizaje*, 27 (4), pp. 403-406.

Manso, J. M. M., García-Baamonde, M. E., Alonso, M. B., Barona, E. G. (2011). An analysis of how children adapt to residential care. *Children and Youth Services Review*, 33, 1981-1988.

Marchetti, B. (1997). Concetto di sé e relazioni familiari e valori. Tesis de Master no publicada. *Universita degli Studi di Bologna, Italy*.

Maroco, João (2011). Análise Estatística com o SPSS Statistics. 5.^a Edição. Edições Report Number.

Martínez, I., García, J. F. y Yubero, S. (2007). Parenting styles and adolescents' self-esteem in Brazil. *Psychological Reports*, 100, 731-745.

Martinez, I; García, F.; Musitu, G.; Yubero, S.(2012). Family socialization practices: Factor confirmation of the Portuguese version of a scale for their measurement. *Revista de Psicodidáctica*, 2012, 17(1), 159-178.

Milevsky, A., Schlechter, M, Netter, S. & Keehn, D. (2007). Maternal and paternal parenting styles in adolescents: Associations with self-esteem, depression and life-satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 16, 39-47.

Muñiz, J. (2003). Teoría clásica de los tests. *Madrid: Pirámide*.

Muñiz, J., Fidalgo, A.M., García-Cueto, E., Martínez, R.J. & Moreno, R. (2005). Análisis de los ítems. *Madrid: La Muralla*.

Musitu, G. y García, J. F. (2001). ESPA29. Escala de Socialización Parental en la Adolescencia. *Madrid: TEA ediciones*.

Musitu, G. y García, J. F. (2004). Consecuencias de la socialización familiar en la cultura española. *Psicothema*, 16, 297-302.

Noller, P. (1994). Relationships with parents in adolescence: Process and outcome. In R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (Eds.), *Personal relationships during adolescence: Advances in adolescent development (Vol. 6, pp. 37-77)*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Noller, P. (1995). Parent-adolescent relationships. In M. A. Fitzpatrick & A. Vangelisti (Eds.), *Explaining family interactions (pp. 77-111)*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Noller, P., & Callan, V. (1991). The adolescent in the family. *London: Routledge*

Nunnally, J.C. (1978). Psychometric theory. *New York: McGraw-Hill*.

Nunes, C.; Luís, K.; Lemos, I.; Musitu, G.(2015). Características psicométricas da versão portuguesa da escala de socialização parental na adolescência ESPA-29. *Centro de Investigação sobre Espaço e Organizações da Universidade do Algarve, Faro, Portugal & Universidad Pablo de Olavide, Sevilla, España; Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(2), 253-260.

Olson, D. (1990). Clinical rating scale for circumplex model. *St. Paul: Family Social Science, University of Minnesota*.

Olson, D., Larsen, A., & McCubbin, H. (1989). Family strengths. In D. Olson (Ed.), *Family inventories. St. Paul: Family Social Science, University of Minnesota*.

Parra, A. & Oliva, A. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología*, 18 (2), 215-231.

Parra, A. & Oliva, A. (2006). Un análisis longitudinal sobre las dimensiones relevantes del estilo parental durante la adolescencia. *Infancia y Aprendizaje*, 29 (4), 453-470.

Pelegrina, S., Garcia, M. C. & Casanova, P. F. (2002). Los estilos educativos de los padres y la competencia académica de los adolescentes. *Infancia y Aprendizaje*, 25, 147-168

Perris, C. (1994). Linking the experience of dysfunctional parenting rearing with manifest psychopathology: a theoretical framework. In C. Perris, W.A. Arrindell & M. Eisemann (Eds.), *Parenting and psychopathology* (pp. 3-32). Chichester: Wiley.

Perris, C , Arrindell, W.A. & Eisemann, M. (1994). *Parenting and psychopathology*. Chichester: Wiley.

Perris, C , Arrindell., W.A., Perris, H., Eisemann, M., van der Ende, J. & von Knorring, L. (1986). Perceived depriving parental rearing and depression. *British Journal of Psychiatry*, 148, p.170-175.

Perris, C , Perris, H. & Eisemann, M. (1987). Perceived parental rearing practices, parental affective disorders and age at onset in depressed patients. *International Journal of Family Psychiatry*, 8, p. 183-199.

Povedano, A., Hendry, L. B., Ramos, M. J., Varela, R. (2011). Victimización escolar: Clima familiar, autoestima y satisfacción con la vida desde una perspectiva de género. *Psychosocial Intervention*, 20, 5-12.

Prevatt, F. (2003). The contribution of parenting practices in a risk and resiliency model of children's adjustment. *British Journal of Developmental Psychology*, 21, 469-480.

Richters, J.E. & Waters, E. (1991). Attachment and socialization - the positive side of social influence. In M. Lewis & S. Feinman (Eds.), *Social Influences and socialization in infancy*. New York: Plenum.

Rodrigues, Y; Veiga, F.; Fuentes, M; García, F. (2013). Parenting and Adolescents' self-esteem: the portuguese context. *Revista de Psicodidáctica*, 2013, 18(2), 395-416.

Rodrigo, M.J., Máiquez, M.L., Martín, J.C. y Byrne, S. (2008). Preservación Familiar: un enfoque positivo para la intervención con familias. *Madrid: Pirámide*.

Satir, V. (1967). Conjoint family therapy. *Palo Alto: Science and Behavior Books*.

Schaffer, H.R. (1996). O desenvolvimento social da criança. *Lisboa: Instituto Piaget*.

Schultz, D.P. & Schultz, S.E. (2000). A modern history of psychology. New York: Harcourt College Publishers.

Sheeber, L, Hops, H., Alpert, A., Davis, B. & Andrews, J. (1997). Family Support and Conflict: Prospective Relations to Adolescent Depression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 25, 333-344.

Smetana, J. G.; Campione-Barr, N.; Metzger, A. (2006). Adolescent development in interpersonal and societal contexts. *Annual Review of Psychology*, 57, 255-284.

Sousa, L; Ribeiro, C. (2005). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. *PSICOLOGIA, Vol. XIX (1-2), Edições Colibri, Lisboa*, 169-191.

Sousa, L. (2004). Diagnósticos e problemas: Uma perspectiva sistémica centrada nas famílias multiproblemáticas pobres. *Psychologica*, 37, 147-167.

Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., y Dornbusch, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65, 754-770.

Suldo, S. M. & Huebner, E. S. (2004). The role of life satisfaction in the relationship between authoritative parenting dimensions and adolescent problem behavior. *Social Indicators Research*, 66, 165-195.

Yeung, W., Linver, M., & Brooks-Gunn, J. (2002). How money matters for young children's development: Parental investment and family processes. *Child Development*, Vol. 73, No. 6, 1861-1879.

Villalobos, J. A., Cruz, A. V. y Sánchez, P. R. (2004). Estilos parentales y desarrollo psicosocial en estudiantes de Bachillerato. *Revista Mexicana de Psicología*, 21, 119-129.

Waters, E. & Cummings, E.M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. Child relationships. *Child Development, special millennium issue*.

Wolfradt, U., Hempel, S. y Miles, J. N. V. (2003). Perceived parenting styles, depersonalisation, anxiety and coping behaviour in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 34, 521-532.

ANEXOS

Anexo A - Caracterização da amostra de acordo com a idade

		N	%	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	11	1	1,4	1,4	1,4
	12	1	1,4	1,4	2,8
	13	3	4,2	4,2	6,9
	14	9	12,5	12,5	19,4
	15	19	26,4	26,4	45,8
	16	23	31,9	31,9	77,8
	17	13	18,1	18,1	95,8
	18	1	1,4	1,4	97,2
	19	2	2,8	2,8	100,0
	Total	72	100,0	100,0	

Anexo B - Carta de Consentimento Informado

Exmo.(a) Sr.(a) Encarregado(a) de Educação

Uma equipa de investigação do Departamento de Psicologia da Universidade do Algarve está a realizar um estudo que tem como objetivos conhecer os comportamentos em relação à saúde e bem-estar em mães e adolescentes, avaliar o apoio que têm de outras pessoas ou instituições e ainda perceber a forma como lidam com situações de stresse ou quaisquer problemas que possam ocorrer na família.

Solicitamos assim, quer a sua participação no estudo, quer a sua autorização para que o seu filho(a) participe também neste. As vossas participações serão totalmente confidenciais.

A informação recolhida será tratada com confidencialidade e utilizada apenas para esta investigação, pelo que não será revelado qualquer dado que possibilite a identificação dos jovens.

Se no entanto não autorizar o preenchimento dos questionários pelo seu educando, peço-lhe que devolva, na próxima semana, esta carta, bastando para isso preencher a parte inferior da folha com o nome e número do seu filho e assinando por baixo.

Agradecendo desde já a sua colaboração

Prof. Doutora Cristina Nunes

Coordenadora da equipa de investigação

Departamento de Psicologia da Universidade do Algarve

.....

EU, _____, Encarregado de Educação do
aluno _____ (aluno nº ____ da turma
____ do ____ ano), Não Autorizo o meu educando a participar neste estudo.

(Assinatura do Encarregado de Educação)